

LEGIÃO DE VAMPIROS



Seus lábios coleram-se
aos meus e seus dentes
agarraram-se a meus
ombros como pequenas
garras, afastei-me,
finalmente, tremulo e
fraco. Seus olhos
brilhavam ali a tão
cheia de vida quanto eu
de fraqueza. Era como se
me tivesse tirado toda a
força...

Atenção:

Este livro encontra-se esgotado, sendo difícil encontrar um exemplar impresso.

Esta versão em PDF visa suprir essa falta, e se encontra protegida contra alterações, sendo que sua distribuição deverá ser **gratuita**, vedando-se seu uso comercial.

legião de
VAMPIROS

LEGIÃO DE VAMPIROS

SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE
R.F. LUCCHETTI

EDITORA EDREL LTDA.

Avenida Celso Garcia, 1.608 - São Paulo

C.G.C. 61.654.620/001

SÉRIE ALUCINAÇÃO

volume 1

Outros livros do mesmo autor
a serem publicados por esta
Editora

DEMÔNIO AMARELO
AS LOIRAS SEMPRE ATRAPALHAM

Direitos reservados em língua portuguesa
(Brasil, Portugal e colônias), adquiridos
pela EDITORA EDREL LTDA., SÃO PAULO.

PRINTED IN BRAZIL.

MCMLXXII

o vampiro

Na literatura/no folclore

“Seu poder está no fato de que ninguém crê na sua existência.” — Bram Stoker



Após duzentos anos, a tenebrosa crença do Século XVIII sobre a existência dos vampiros ressuscitou na alma do povo, quando, poucos meses depois do fim da II Guerra Mundial, na periferia de Hamburgo, foram encontradas cinco belas moças esfaqueadas e com sinais de estrangulamento.

Não sendo identificado o assassino, o povo gritou que “o autor do morticínio havia sido um vampiro”. A antiga lenda deixou, portando, raízes profundas na consciência popular, alimentadas pelos recentes filmes sobre vampiros. O protagonista dessa trágica fábula é um animalzinho muito comum no Brasil: o vampiro (cujo nome científico é *Desmodus Rufus*), que pertence a

família dos morcegos e costuma atacar o gado para chupar-lhe o sangue.

No início do Século XVIII, verificaram-se em algumas regiões da Europa (Boemia, Silésia, Áustria, Polônia e Moravia) casos de mortes violentas e misteriosas. Sobre o corpo das vítimas encontravam-se normalmente manchas escuras, indecifráveis, e pequenas lesões. Nasceu, assim, a crença do homem-vampiro. O vampiro sugava o sangue da vítima e agia somente nas sombras da noite. Tratava-se de um falecido que, em certas noites, saía do túmulo em busca de sangue humano; após o crime, voltava à cova, onde se mantinha intacto por muitos anos.

Existem sombrios cantos populares e crônicas de episódios selvagens sobre a lenda dos vampiros. Falecimentos e crimes misteriosos eram logo atribuídos aos vampiros. O período entre 1.730 e 1.735 foi o de maior terror na Europa do norte e do leste. Sobretudo nos campos, os vampiros semeavam a morte e a ruína. A norte, camponeses reunidos em grupos, armados dos rústicos apetrechos de trabalho, violavam os túmulos onde acreditavam estar sepultados os vampiros e dilaceravam os cadáveres.

Às vezes os vampiros se reúnem e combatem unidos para preservar sua horrível existência. Isso era o que pensavam na Escócia, no povoado de Tomintou, onde por dez dias os 307 habitantes sofreram os ataques de uma horda de vampiros. Todos declaravam ter sido mordidos e ostentavam sinais de dentes. A psicose apodejou-se da aldeia toda, que foi abandonada por muitos.

Um sapateiro organizou a defesa com alho (os vampiros não o toleram), cruzes de madeira penduradas sobre as portas das casas e cruzes de cinza esboçadas no chão. O sapateiro e seus homens organizaram também a contra-ofensiva no cemitério, onde foram esfaqueados alguns supostos vampiros. Após a caçada tempestuosa, os vencedores celebraram com bailes e banquetes ao ar livre. Passou o medo no vilarejo escocês, mas a lenda dos vampiros não morreu.

Centenas de lúgubres fogueiras brilhavam nas trevas, iluminando a superstição e a ignorância. Às vezes, não eram poupados nem sequer os vivos. Bastava que um indivíduo vivesse solitário para que a multidão alucinada o considerasse um vampiro.

Lapidação, fogueiras, tortura são as penas que o povo e os próprios juízes impunham ao supostos monstros. Há quem acredite que os vampiros são espíritos reencarnados de sepultados vivos; outros acham que se trata das almas dos suicidas. Os violadores de sepulturas, os carrascos de cadáveres, faziam isso de boa fé, para defender-se da obscura ameaça; e relacionavam as mais horrendas ações e superstições com a fé religiosa. Foi necessário intervenção do próprio Papa, Benedito XIV, para condenar energicamente essa superstição. Ele escreveu ao Arcebispo de Leopoli:

“Cumpre principalmente ao Senhor Arcebispo a tarefa de proibir essas manifestações de ignorância popular. Talvez a alimentem certos padres que querem que o povo lhes encomende missas para os exorcismos. O próprio Arcebispo tem de se convencer de que os responsáveis por isso são os vivos, não os mortos.”

Hellwig escreve que ainda em 1.905, num povoado da Criméia, os camponeses acreditaram que a seca daquele ano era a consequência da maldição de um homem mau falecido havia pouco tempo. Alguns fanáticos tiraram o morto do túmulo e improvisaram um rito orgástico em volta dele. Interveio o Pope que os admoestou severamente. Mas a multidão, bestialmente furiosa, agarrou o Pope e o enterrou vivo no sepulcro violado.

A literatura da época apaixonou-se pelo assunto: dos contos terroríficos dos cronistas do século XVIII nasceram os romances de horror, chamados góticos, e entre os autores que cultuaram o gênero podemos destacar: Sheridan Le Fanu, H. P. Lovecraft, Ambrose Bierce, E. T. A. Hoffmann, Rudyard Kipling, Robert Louis Stevenson, Teophile Gautier, Conan Doyle e o mestre Edgard Allan Poe.

A popularidade que os vampiros conservam até aos nossos dias esta baseada no famoso livro de Bram Stocker, “Drácula”, escrito em 1.897, traduzido em mais de vinte idiomas, publicado em mais de doze milhões de exemplares. “Drácula” em romeno significa “Diabo” (do latim: Draco ‘drago’, satanás). O romance de Stocker inspirou pelo menos vinte e cinco películas (entre as quais

uma obra-prima, “Nosferatu”, de Murnau), responsáveis pela moda de vampiros há trinta anos.

A palavra “vamp” deriva de “vampyr” e usa-se para indicar uma atriz cinematográfica particularmente sedutora capaz de dominar os homens com seu fascínio pessoal justamente como fazem os vampiros com suas presas.

A primeira “vamp” da tela foi Theda Bara (anagrama de Arab Death — morte árabe). Na época de Theda Bara, o cinema de Hollywood já superara a borrascosa crise econômica e o advento do sonoro; rodavam-se muitas películas de “shows” musicais, nas quais tomavam parte belíssimas *girls*, todas escolhidas pela sua beleza, plasticidade e encanto pessoal. Uma delas, Peggy Ann Lee, um dia foi encontrada morta no banheiro, apresentando no pescoço duas pequenas feridas, uma perto da outra, que pareciam mordidas de dois dentes agudos; além disso, a moça morrera dessangrada, mas o sangue encontrado no banheiro não era muito. Soube-se que Peggy voltara à noite em companhia de um homem conhecido em Hollywood como guarda-noturno e chamado Blackmann. Pouco depois, Blackmann foi encontrado morto na sua própria cama de dormir, vitimado por um colapso cardíaco. Enquanto o policial vigiava o cadáver, este desapareceu de repente e a zeladora viu Blackmann que saía tranqüilamente pelo portão. Que acontecera? O médico tinha verificado o falecimento do estranho indivíduo, declarando que ele estava de fato morto. Quem roubara o cadáver? O guarda da polícia garantiu que não tinha se afastado do quarto e por sua vez a zeladora jurou, assustadíssima, que tinha visto Blackmann sair calmamente pelo portão. Muito mais tarde, no verão de 1.942, foi identificado num hospital militar da costa do Pacífico um certo Blackmann, que roubara alguns vidros de plasma. Blackmann tornara-se amante de uma enfermeira e aproveitava a situação para roubar as reservas de sangue do hospital. Ele se parecia muitíssimo com o assassino de Peggy Ann Lee, contudo aparentava a mesma idade que o primeiro Blackmann tinha na época da morte da atriz: trinta anos. Falou-se então, com horror, no “vampiro de Hollywood”. Os vampiros não têm idade; conservam o aspecto que tinham no hora de sua primeira morte.

No clima desta moda nasceram novas superstições e novos horrores. Em outubro de 1.960 Henrich Pommerencke foi condenado pelo tribunal de Friburgo por ter matado quatro mulheres e tentado matar outras dez. Chamavam-no o “monstro do Selva Negra”: começara a sua carreira de vampiro, isto é de criminoso sexual, aos 11 anos de idade. Dizem que no começo se limitou a assaltar as mulheres e violentá-las, mas que após ter assistido em 1.959 a projeção de uma película sobre vampiros, sentiu desejo incoercível de provar o gosto do sangue humano. Comprou uma faca afiada e saiu à procura de uma vítima. Encontrou-a no parque Karlsruhe; tratava-se de uma moça formosa, elegante, sozinha. Arrastou-a atrás de uma sebe mas não pode impedir que ela gritasse. Deixou a presa e fugiu. Mas na mesma noite agrediu e matou uma jovem operária, Hilda Konther, e bebeu seu sangue. Poucos dias depois a vítima foi uma ponteadora com dezoito anos. Mas o crime mais hediondo cometeu num trem de turistas, quando jogou fora a sua vítima, Dagmar Klimek, enquanto o trem desenvolvia grande velocidade. No dia seguinte o cadáver da moça foi encontrado pouco distante da via férrea, despido e horrendamente ferido. Preso por acaso por um pequeno roubo, Pommerencke confessou seus crimes e declarou “gostava de sangue quente”. Mas os vampiros não desapareceram da literatura. Sofreram todavia uma modificação: o vampiro moderno é quase sempre o produto monstruoso de uma experiência de laboratório ou de uma explosão atômica.

O tema dos vampiros deu duplo tema ao cineasta francês Roger Vadim; primeiro, o filme rodado na Itália, “...Et mourir de plaisir” (Rosas de Sangue) e o livro “Os Vampiros Entre Nós”, em que faz referência a confissão feita por John Heigh, o tristemente célebre assassino conhecido como “o vampiro de Londres”.

O assunto tem servido também para a literatura humorística e até para espetáculos de revistas. Em Viena, numa das mais célebres boates da cidade, uma formosa dançarina faz o “strip-tease” disfarçada em Drácula, chupando... sangue (trata-se de Cherry Brandy) de uma estátua de cera.

Na opinião dos estudiosos e religiosos, porém, os vampiros não passam de meras criações da imaginação popular. Hoje, a ciên-

cia explica também os morticínios que se verificaram no século XVIII e que eram atribuídos pelo povo aos vampiros. Tratava-se, muito provavelmente, de doenças epidêmicas ainda não identificadas (isso explica também as manchas escuras nos corpos dos defuntos).

Mas, segundo alguns psicanalistas, o vampiro não passa da materialização de abomináveis vícios, de aberrações ocultas. O homem sentia a necessidade de criar com a imaginação o vampiro, para acusá-lo de todos os crimes que ele mesmo gostaria de cometer. A fantasia é uma beleza sem par. Todos nós, sem distinção de cor ou de credo, nascemos com um pendor para o fantástico e o sobrenatural. Como nos fascinam as histórias passadas em lugares não identificados, vividas por pessoas que se movimentam num mundo de névoas, em luta constante com os fantasmas, lobisomens e vampiros, a trilogia que tem inspirado os escritores muito mais que o próprio tema do amor. Ambrose Bierce dizia que a existência dos vampiros tem sido constatada pelos mais interessados em privar o mundo das crenças confortadoras do que dar-lhe alguma coisa boa em lugar delas. Portanto, meus amigos, não vamos concluir se os vampiros existem ou não existem, se é lenda ou mera superstição... Que seria de nosso mundo, árduo mundo de lutas sem fim pela subsistência, sem a fantasia, sem o sonho e sem a imaginação desenfreada?





O vampiro tem poderes sobrenaturais, vive só à noite, numa atmosfera de natureza morta, mas move-se com naturalidade no nosso mundo, e não é facilmente identificável. Nem todos eles usam capas de gola alta. O vampiro se alimenta de sangue humano, e foi criado pelo homem, que o inventou e ao mesmo tempo criou os exorcismos para afugentá-lo, que nem sempre dão certo.

Em geral, o vampiro morreu prematuramente, insatisfeito, e sua alma, ou mesmo cadáver, é reanimado pelo espírito ou por um demônio, e volta ao mundo para continuar uma vida de zumbi. Rouba a vida de um mortal, assaltando-o na calada da noite, tirando-lhe o sangue, até a morte.

Esses infelizes mais tarde, ao perecerem exangues, converter-se-ão por sua vez em vampiros, e assim o círculo infernal crescerá indefinidamente.

O LADO GIENTÍFICO



A crença nos vampiros encontra suas raízes nos albores da humanidade, e originou-se do costume de povos primitivos em alimentar cadáveres, como se fossem seres vivos, e de existência, em épocas remotas, de algum animal semelhante ao atual morcego, que os zoólogos chamam de vampiros. A lenda de que o vampiro é um espectro que se alimenta do sangue dos seres vivos aumentou quando se exumavam cadáveres sem nenhum sinal de decomposição. Logo as massas ignorantes, de uma época em que a ciência não possuía elementos para explicar tais fatos, começaram a acreditar que esses cadáveres apareciam nadando no sangue que tinham sugado das pessoas vivas para assim evitar a putrefação.

COMO EXTERMINAR OS VAMPIROS,



Na idade Média, o remédio era cortar a cabeça do cadáver suspeito, perfurando-lhe o coração com estilete de prata ou cunha de madeira. O sangue do cadáver era misturado a farinha para fazer pão que imunizava. Outro costume era queimar o cadáver, e reduzir a cinzas todo ser vivo que se encontrasse em torno; pássaros, vermes, répteis, para evitar que o vampiro se encarnasse neles.

Empunhar a imagem de um santo ou uma cruz dava poderes para se ordenar ao vampiro que entrasse numa garrafa cheia de sangue, que era atirada a uma fogueira. Servia também jogar água-benta no rosto do monstro, mas o alho lhe era fatal.

Também é eficaz um vidrinho de água-benta, que espanta mas não mata, ou uma cruz, de que ele tem medo. Em casa, uma guirlanda de flores de alho afugentará o vampiro.

Só há um meio de pôr fim à terrível maldição que representa a existência de um vampiro.

E o meio mais eficaz de afastar o terrível mal. Surpreendê-lo em seu túmulo, durante o dia, quando ele é obrigado a ali permanecer, e cravar-lhe uma estaca pontiaguda de madeira no coração, mas seu corpo enrijecido pela morte, não é facilmente perfurável.





Porém, não é tarefa fácil como possa parecer, pois os “não mortos” são de uma astúcia e de uma ferocidade extraordinária. Precisa-se ter nervos de aço e uma determinação implacável, para não desfalecer de medo ao encarar-lhe a face hedionda, de uma lividez mortuária: a boca manchada de sangue, de finos lábios vermelhos que encobrem longos dentes afiados; os olhos brilhantes como brasas na escuridão.



Demônio dado ao hábito censurável de sugar o sangue alheio.

A existência dos vampiros tem sido contestada pela classe dos controvertistas mais interessados em privar o mundo de crenças confortadoras do que dar-lhe alguma coisa boa em lugar delas. Em 1.640, padre Secchi viu um vampiro num cemiterio perto de Florengat e fugiu, horrorizado, fazendo o sinal da cruz. Descreve o vampiro como criatura dotada de várias cabeças, de um número extraordinário de membros e capaz de aparecer, ao mesmo tempo, em diferentes lugares. O bom eclesiástico mal acabara de jantar; explica, pois se não tivesse “o estomago cheio”, apanharia o vampiro, fosse como fosse. Atholston refere que um vampiro foi surpreendido por vários campônios robustos, num cemiterio em Suddurry; o demônio mergulhou num bebedouro. Tem-se, a impressão de que o narrador era de parecer que um criminoso tão distinto mereceria mergulhar num banho de água de rosas. A água do bebedouro logo se converteu em sangue “e assim continua em nossos dias”, conclui o relator.

Depois dessa época, o tanque passou a ter um sangradouro. Em tempo relativamente próximo de nós, como e o princípio do

seculo XIV, um vampiro foi acuado na cripta da Catedral de Amiens e toda a população cercou o sítio. Vinte homens armados, tendo a frente um sacerdote de Crucifixo em punho, entraram na cripta e capturaram o vampiro.



Este, esperando salvar-se com um estratagemma, transformou-se, assumindo o aspecto dum conhecido cidadão. Apesar disso, foi enforcado e esquartejado, em meio de hedionda orgia popular. O cidadão, sob cuja aparência esperava escapular-se o demônio, sofreu tal impressão da sinistra ocorrência, que não tornou a ser visto em Amiens: ainda hoje, a sua sorte continua a ser um mistério.





Quando partimos para o passeio, o sol brilhava em Munique e o ar estava impregnado das alegrias do princípio do verão. Precisamente, quando estávamos quase para partir, Herr Delbrueck (o *maitre* de hotel do “Quatre Saisons”, onde estava hospedado) desceu em direção à carruagem; depois de me desejar boa viagem, disse para o cocheiro, apoiando a macro na boléia:

— Lembra-te de que tens de regressar à tardinha. O céu está limpo, mas há uma agitação de vento norte que pode sugerir tempestade. Mas tenho certeza que evitarás voltar tarde. — Aqui sorriu de maneira significativa e ajuntou: — Bem sabes que noite é esta.

Johann respondeu em tom enfático:

— Ja mein Herr — e levando a mão ao chapéu, partiu. Quando tínhamos deixado a cidade, perguntei-lhe, depois de o mandar parar:

— Diz-me, Johann, o qua há esta noite?

Ele benzeu-se, enquanto respondia laconicamente:

— *Walpurgis nacht*.

Depois tirou o relógio, um relógio grande, de prata alemã, fora de moda, olhou para ele, com as sobrancelhas franzidas, e encolheu as ombros impaciente.

Compreendi que esta era a sua maneira de protestar respeitosamente contra a demora desnecessária e recostei-me na carruagem, dizendo-lhe simplesmente que prosseguisse. Partiu muito depressa, como se quisesse recuperar o tempo perdido. De vez em quando, as cavalos empinavam a cabeça e pareciam farejar o ar com desconfiança. Nessas ocasiões, eu olhava à minha volta, alarmado. O trecho onde estávamos era bastante ermo, pois atravessávamos uma espécie de elevado planalto varrido pelo vento. Continuando, vi uma estrada pouco povoada que parecia submergir através dum vale sinuoso. Parecia tão convidativo que, mesmo com o risco de o ofender, chamei Johann e pedi-lhe que parasse. Quando parou, eu disse-lhe que gostaria que tomasse por aquela estrada. Ele apresentou toda a espécie de desculpa e repetidas vezes se benzeu, enquanto falava. De qualquer modo, isso excitou a minha curiosidade, pelo que lhe fiz diversas perguntas. Respondia, fugindo à pergunta, e olhava com freqüência para o seu relógio, como sinal de protesto. Finalmente, eu disse:

— Bem, Johann, preciso seguir por esta estrada. Não to pedi-rei que venhas, se não quiseses; mas diz-me por que não queres ir. É apenas o que eu pergunto.

Por única resposta, saltou do assento e num instante estava no chão. Depois ergueu as mãos em súplica e pediu-me que não fosse. Havia bastante inglês misturado com o seu alemão para que eu pudesse entender o ardor do seu pedido. Ele parecia estar prestes a dizer-me qualquer coisa — precisamente a idéia que com certeza o assustava; mas de cada vez que parecia inclinado a isso, dizia ben-zendo-se:

— *Walpurgis nacht*.

Tentei argumentar com ele, mas era difícil argumentar com um homem, quando não se conhece a sua língua. A vantagem cer-

tamente o favorecia, porque embora começasse a falar em inglês dum modo muito tosco e mal pronunciado — ficava sempre muito excitado e acabava na sua língua nativa —, todas as vezes que o fazia olhava para o relógio. Até que os cavalos ficaram impacientes e começaram a farejar. Quando isto aconteceu, o cocheiro empalideceu e, olhando a sua volta bastante assustado, saltou de repente para a frente, pegou nas rédeas e conduziu o veículo uns seis metros adiante, entrando por uma bifurcação. Ao voltar, benzendo-se, disse, primeiro em alemão, depois em inglês, enquanto apontava para uma cruz:

— Enterram ali... as que se matam...

Lembrei-me de um velho costume de enterrar suicidas em encruzilhadas.

— Ah! Compreendo, um suicida. Que interessante! — Mas, não conseguia compreender por que as animais estavam tão assustados.

Enquanto conversávamos, ouvimos uma espécie de som entre um uivo e um latido. Era longe mas os cavalos ficaram muito inquietos e levou bastante tempo até que Johann os acalmasse. Este, pálido, disse:

— Parece um lobo... mas agora os lobos não vêm mais para cá.

— Não? — perguntei-lhe. — Há muito tempo que os lobos não vêm à cidade?

— Há muito — respondeu. — Na Primavera e no Verão, mas com a neve os lobos aproximam-se. Enquanto acariciava os cavalos e os tentava acalmar, amontoaram-se rapidamente no céu nuvens negras. O Sol empalideceu e perpassou por nós uma aragem fria. Era só uma aragem... o Sol voltou a se descobrir. Johann observou o horizonte, protegendo os olhos com a mão e observou:

— A tempestade de neve... aproxima-se. — Olhou de novo para o relógio e, imediatamente, segurando as rédeas firmemente — visto que os cavalos continuavam a escavar e abanar as cabeças — saltou para o assento, com o propósito de prosseguir a nossa viagem.

Eu tive ímpetos de continuar a ser teimoso e não entrei imediatamente no carruagem.

— Fale-me. Diga-me alguma coisa acerca do lugar para onde vai esta estrada — e aponte para baixo.

Benzeu-se outro vez e murmurou uma oração antes de responder:

— É coisa maligna.

— Mas o que é “coisa maligna”? — perguntei, insistindo.

— A aldeia.

— Então há uma aldeia?

— Não, não. Há centenas de anos que ninguém vive lá.

Aguçou-me mais ainda a minha curiosidade.

— Mas tu disseste que havia uma aldeia:

— E havia.

— Onde esta agora?

Em resposta, desfiou uma longa história em alemão e inglês, tão misturados que eu não consegui compreender exatamente o que ele dizia, mas captei que havia muito tempo, há centenas de anos, tinham morrido ali várias pessoas atacadas por uma estranha moléstia que ia aniquilando aos poucos até advir a morte. Logo após essas pessoas serem sepultadas, ouviram-se sons estranhos sob a terra e, quando os túmulos foram reabertos, encontraram-se homens e mulheres, com boas cores e as bocas rubras de sangue. E assim, na pressa de salvar as suas vidas (e as suas almas — aqui benzeu-se outra vez), aqueles que ficaram fugiram para as suas moradas onde viviam os vivos e os mortos ficaram mortos e não — não...

Ele tinha evidentemente medo de pronunciar as últimas palavras. Tinha se tornado cava vez mais excitado ao prosseguir a narração. Era como se a imaginação se tivesse apossado dele, e terminou num perfeito acesso de medo — pálido, transpirando, trêmulo e olhando à sua volta, à espera de qualquer presença que se manifestasse ali, à luz do Sol, numa planície aberta. Finalmente, numa agonia em desespero, gritou:

— *Walpurgis nacht* — e fez-me sinal para que eu entrasse na carruagem. Todo o meu sangue inglês fervilhou com isto e, dando um passo para trás, exclamei

— Tu tens medo, Johann... tu tens medo. Vai-te embora, eu volto sozinho. O passeio far-me-á bem!

A porta da carruagem estava aberta. Peguei na minha bengala de carvalho, que sempre levo para passeios de férias, fechei a porta e, apontando em direção a Munique, disse:

— Vai-te embora, Johann. *Walpurgis nacht* nada tem a ver com os ingleses.

Os cavalos agora estavam mais indomáveis do que nunca. Johann tentava dominá-los, enquanto me implorava que não fizesse semelhante loucura. Tive pena do pobre homem, de tal modo ele estava aflito; no entanto, não pude evitar uma boa risada. Quase não falava inglês. Na sua angústia, esquecera que o único meio de me fazer compreender era falar o meu idioma e tagarelava em alemão. Comecei a aborrecer-me. Depois de lhe dizer: “Vai-te!” voltei para descer a encruzilhada em direção ao vale.

Num gesto desesperado, Johann virou os cavalos para Munique. Eu encostei-me a minha bengala e segui-o com o olhar. Durante algum tempo a marcha

da carruagem foi lenta. Depois chegou ao cimo da colina um homem alto e magro. Eu vi-o a distância. Quando chegou junto aos cavalos, eles começaram a saltar e a dar coices e depois a relinchar com medo. Johann não os conseguiu dominar; correram estrada abaixo aos trambolhões. Perdi-os de vista e quando me lembrei do homem, ele também desaparecera.

Tranqüilamente comecei a descer pela estrada que se aprofundava para o vale, a mesma que tanto perturbara Johan. Andei durante algumas horas sem pensar no tempo e na distância e sem ver pessoa ou uma casa. Pelo que diz respeito ao lugar, era a verdadeira imagem da desolação. Mas não notei isso, senão quando numa curva dei com um tapume e um tosco banco de madeira; só então reconheci que a desolação da região era absoluta.

Sentei-me para descansar e olhei à minha volta. Notei que estava consideravelmente mais frio do que quando começara o meu passeio — uma espécie de suspiros pareciam soltar-se à minha volta, assim como, bastante acima de mim, um grunhido abafado. Olhando para cima, vi que as nuvens espessas atravessavam rapidamente o céu de Norte para Sul, a uma grande altura. A tempestade aproximava-se numa alta camada de ar. Eu sentia frio

e, pensando que era por ter sentado depois da caminhada, retomei a viagem.

A região em que eu passava agora era muito pitoresca. Não havia objetos que chamassem a atenção, mas em tudo reinava um encanto de beleza. Negligenciei a respeito das horas e, só quando o anoitecer se adensava, comecei a pensar como encontraria o caminho de regresso. O dia já não estava claro. Estava frio e havia cada vez mais nuvens. Ouvia-se um som longínquo através do qual parecia vir, a espaços regulares, aquele misterioso grito que o cocheiro dissera ser um lobo. Hesitei por um momento. Ele dissera que veria a aldeia deserta, razão por que continuei, e cheguei a uma vasta clareira, toda rodeada de colinas. As encostas arborizadas estendiam-se até à planície, salpicando assim a região. Segui com o olhar os meandros da estrada e vi que entrava por um dos mais densos tufos de árvores e se perdia por trás dele. Neste momento, senti um tremor frio e começou a nevar. Pensei nos quilômetros ermos por onde caminhara, e apressei-me a procurar abrigo na floresta. O céu tornava-se cada vez mais escuro, e a neve era mais rápida e mais pesada, até a terra a frente e em volta de mim se transformara num tapete branco cintilante, cuja extremidade mais adiante estava perdida no vácuo brumoso. Aqui, a estrada era mais tosca e, na parte plana, as seus limites não estavam tão marcados como quando se passava pelos atalhos; e num instante verifiquei que me devia ter afastado de lá porque já não caminhava sobre a superfície dura, e os meus pés enterravam-se cada vez mais na erva e no musgo. Em seguida, o vento tornou-se mais forte e soprava com tal violência, que me levava a correr diante dele. A atmosfera tornou-se gelada e apesar do meu exercício comecei a senti-lo. A neve caía agora com tal intensidade a minha volta, que eu mal podia manter os olhos abertos. O céu era com frequência rasgado por brilhantes relâmpagos, à luz dos quais, eu podia ver à minha frente um grande amontoado de árvores, principalmente teixos e ciprestes, pesadamente vestidas de neve.

Em breve, me encontrava ao abrigo das árvores, e ali, em silêncio, podia ouvir o ruído do vento sobre a minha cabeça. Neste momento, a negrura da tempestade imergira na escuridão da noite.

Depressa, a tempestade parecia diminuir: já só vinham rajadas de vento. Nesses momentos, a voz sinistra do lobo multiplicava-se em ecos a minha volta.

Muitas vezes através da massa negra das nuvens, irrompia um cintilante raio de luar que iluminava a zona e me mostrava estar no limite de um conjunto denso de ciprestes e teixos. Quando a neve cessou de cair, saí do abrigo e comecei a investigar mais de perto.

Pareceu-me que entre tantas fundações velhas por onde eu tinha passado, podia ainda haver uma casa de pé no qual, embora em ruínas, eu pudesse encontrar qualquer abrigo por uns momentos. Quando contornei a borda da mata, verifiquei que a cercava uma parede baixa, que tinha uma abertura. Aqui os ciprestes formavam uma álea que conduzia a uma espécie de construção quadrada. Logo que a vi, contudo, as nuvens taparam a lua, e atravessei o caminho na escuridão. O vento deve ter arrefecido, pois me sentia tremer ao andar; mas como havia esperanças de abrigo, tateei o caminho às cegas.

Parei, porque se fez um repentino silêncio. A tempestade tinha passado; e, talvez por simpatia com o silêncio da natureza, o meu coração pareceu cessar de bater. Mas isto foi apenas por um momento; porque em breve o luar irrompeu pelas nuvens, mostrando-me que eu estava num cemitério, e que o objeto quadrado diante de mim era um grande tumulo maciço de mármore, tão branco como a neve que o rodeava. Com o luar surgia uma surpreendente visão da tempestade, que parecia retomar o seu curso com um longo uivo como de muitos cães ou lobos. Fiquei aterrado e senti crescer em mim um frio que me apertou o coração. Depois, enquanto o brilho do luar ainda incidia no túmulo de mármore, a tempestade deu novo sinal de recomeço, como se estivesse retrocedendo no seu rastro. Impelido por uma espécie de fascínio, aproximei-me do sepulcro para ver o que era e por que se encontrava ali, só. Dei uma volta e li, por cima da porta dórica, em alemão:

CONDESSA DOLINGER DE GRATZ EM STYRIA
PROCURADA EM ENCONTRADA MORTA 1801

No cimo do túmulo, aparentemente cravada no sólido már-

more — porque era composto por alguns grandes blocos de pedra — estava uma grande ponta ou estaca de ferro. Na retaguarda, gravado em grandes letras, em russo:

A MORTE VIAJA RAPIDAMENTE.

Havia qualquer coisa tão sinistra e misteriosa que senti que minhas pernas se dobravam, a vista começou a turvar e precisei reagir para não desfalecer. Comecei a desejar, pela primeira vez, ter seguido o conselho de Johann. Ocorreu-me um pensamento, que em circunstâncias tão misteriosas me provocou um terrível abalo. De repente compreendi o que ele queria dizer insistentemente. Aquela era a noite de *Walpurgis*: Noite de *Walpurgis* em que, de acordo com a lenda, o diabo campeava à solta e as sepulturas devolviam seus mortos. Era a noite em que ninguém se atrevia a pôr os pés fora de casa, porque o Mal estava salto sob todas as formas: a de um animal; um velho; uma linda mulher... O cocheiro tinha fugido precisamente deste lugar. Esta era a aldeia despovoada há séculos. Era onde jazia o Mal; e era este o lugar onde eu estava só — desanimado, tremendo de frio, amortalhado na neve, com uma tempestade a cair-me de novo em cima.

Foi-me necessário toda a minha filosofia, toda a religião que me tinham ensinado, toda a minha coragem, para não desmaiar com um ataque de medo. E de repente, rebentou sobre mim um perfeito tornado. O chão tremeu, como se passassem milhares de cavalos; desta vez a tempestade trouxe as suas asas geladas, não neve, mas saraiva, que caía com total violência que podia ver das fundas de Balearic — saraiva que derrubava folhas e ramos e inutilizava o abrigo de ciprestes, embora as troncos continuassem de pé. A princípio, corri para a árvore mais próxima, mas depressa me resignei a deixá-la e a procurar o único lugar que me pareceu oferecer refugio — o portal dórico do túmulo de mármore. Encolhendo-me contra a porta de bronze, fiquei mais protegido das pedras, pois agora só me atingiam quando vinham de ricochete do chão e das paredes de mármore. Quando me encostei à porta, ela moveu-se ligeiramente e abriu. Até o abrigo de uma sepultura era bem-vindo nessa tempestade cruel e estava quase no interior, quando um clarão iluminou

todo o céu. Nesse momento, vi, na escuridão, momentaneamente fendida, uma linda mulher, de rosto redondo e lábios vermelhos, aparentemente adormecida no esquiife. Quando o trovão ribombou, eu como que agarrado pela gigantesca mão de um monstro fui arremessado para fora. Tudo foi tão rápido que não cheguei a compreender exatamente o que se passara. Ao mesmo tempo, tive a estranha sensação de não estar sozinho. Olhei para o túmulo. Nesse exato momento, veio outra faísca que pareceu atingir a estaca de ferro que encimava a sepultura e precipitar-se pela terra, fazendo voar em estilhaços o mármore como uma explosão. A mulher morta levantou-se num momento de agonia enquanto envolvida pelas chamas, e o seu amargo grito de dor foi abafado pelo rebentar do trovão. A última coisa que ouvi, foi esta terrível mistura de som, porque outra vez fui agarrado pelas garras do monstro e lançado para fora, enquanto a saraiva caía sobre mim e a aragem em volta parecia repercutir os uivos dos lobos. A última visão de que me lembro foi a de um agrupamento vago, branco, movediço, como se todas as sepulturas a minha volta tivessem expelido os fantasmas dos seus mortos, e que estavam junto de mim, por entre a branca atmosfera de granizo.

Gradualmente voltou a consciência: depois uma terrível sensação de fadiga. Por um instante não me lembrei de nada; mas recobrei lentamente os sentidos. Os pés pareciam-me nitidamente torturados e não os podia mover. Pareciam entorpecidos. Tive uma sensação gelada no nuca e ao longo da coluna, e as minhas orelhas, assim como os pés, estavam dormentes: mas no peito havia uma sensação de calor que, em compensação, era delicioso. Era como um pesadelo — pesadelo físico, se é que se pode usar tal expressão, porque um peso opressor no meu peito, dificultava-me a respiração.

Este período de semi-letargia pareceu demorar muito tempo. Depois veio uma espécie de tédio como o primeiro grau de enjôo, e um desejo selvagem de me libertar de qualquer coisa — não sabia de quê. Envolvia-me uma grande calma, como se todo o mundo estivesse adormecido ou morto — só interrompido pela baixa pal-pitação de qualquer animal perto de mim. Senti uma quente opres-

são no minha garganta, depois veio a consciência da medonha verdade que me gelou até ao âmago e enviou um fluxo sangüíneo ao cérebro. Um grande animal estava deitado em cima de mim e lambia-me a garganta. Tive medo de me mexer, porque um certo instinto de prudência me ordenou que ficasse imóvel; mas o animal pareceu ter percebido que houve qualquer mudança em mim, porque levantou a cabeça.

Por entre as pálpebras vi sobre mim os dois grandes olhos brilhantes de um lobo gigantesco. Os seus aguçados dentes brancos brilhavam no boca vermelha escancarada e eu pude sentir a quente respiração.

Durante outro período de tempo, não me lembro de mais nada. Depois tive consciência dum baixo grunhido, seguido de um uivo, renovado de vez em quando.

Depois, como de muito longe, ouvi um “olá”, como de muitas vozes, clamando em unísono. Cautelosamente, ergui a cabeça e olhei no direção donde vinham as vozes; mas o cemitério barrava-me a visão. O lobo continuava ainda a uivar dum modo estranho, e um clarão vermelho começou a mover-se em volta do bosque de ciprestes, como a seguir o som. Enquanto as vozes se tornavam mais abafadas, o lobo uivava mais depressa e mais alto. Tive medo de fazer barulho e mover-me. O clarão vermelho aproximava-se par cima da mortalha branco que se estendia pela escuridão à minha volta. Depois, de repente, detrás das árvores surgiram a galope homens a cavalo, trazendo tochas. O lobo ergueu-se do meu peito e dirigiu-se ao cemitério. Eu vi um dos homens a cavalo (soldados, pelos bonés e pelas longas capas militares) erguer a carabina e apontá-la. Um companheiro obrigou-o a levantar a arma e ouvi uma bala sibilar sobre a minha cabeça. Ele tinha, evidentemente tomado o meu corpo como sendo o do lobo. Um outro avistou o animal, que fugia, e seguiu-se um tiro. Depois, a galope, a tropa avançou; uns em direção a mim, outros seguindo o lobo que desaparecia por entre os ciprestes vestidos de branco.

Conforme se aproximavam, tentei mexer-me, mas foi impossível, se bem que pudesse ver e ouvir tudo o que me cercava. Dois ou tres dos soldados saltaram dos cavalos e ajoelharam-se junto de

mim. Um deles levantou-me a cabeça e colocou a mão sobre o meu coração.

— Ainda vive, camaradas — exclamou ele. — O coração está pulsando.

A seguir, deitaram-me *brandy* pela garganta abaixo; isso deu-me vigor e pude abrir os olhos completamente e olhar a volta. Luzes e sombras moviam-se entre as árvores; e os homens chamavam-se uns aos outros. Juntaram-se, murmurando exclamações de medo; e as luzes brilhavam, enquanto que os outros saíam precipitadamente do cemitério em grande confusão, como se fossem homens possessos. Quando os mais afastados chegaram perto de nós, aqueles que estavam a minha volta perguntaram avidamente:

— Então, encontraram-no?

A resposta correu apressadamente:

— Não, não. Venham depressa, depressa. Este lugar não é bom de ficar, principalmente numa noite destas.

— O que foi? — perguntou alguém laconicamente. A resposta surgiu como se os homens tivessem grande vontade de falar, mas estivessem tolhidos de medo.

— Na... verdade — disse um, atabalhoadamente.

— Um lobo... e agora nenhum lobo — disse outro, trêmulo.

— Não vale a pena ir atrás dele sem a bala sagrada — notou um terceiro, mais senhor de si. — Foi mesmo bom sairmos esta noite! Ganhamos mil marcos — confirmou outro.

— Havia sangue no mármore quebrado — comentou alguém depois de uma pausa — por certo não foram os relâmpagos que o trouxeram. E ele... está salvo. Olhem a garganta: Olhem, camaradas, o lobo deitou-se em cima dele e conservou-lhe o sangue quente!

O oficial olhou para a minha garganta e respondeu:

— Ele está bem. A pele não esta rasgada. O que significa tudo isto? Nunca o teríamos encontrado, se não fosse o uivar do lobo.

— Que foi feito dele? — perguntou o homem que me segurava a cabeça e que parecia o menos aterrado do grupo, pois as suas mãos estavam firmes sem qualquer tremor. Na manga, tinha a divisa de oficial inferior.

— Foi para o seu covil — respondeu o homem do rosto mui-

to pálido e que tremia incessantemente enquanto olhava receoso, em torno de si. — Aqui há sepulturas suficientes para ele se esconder. Vamos, camaradas; vamos depressa. Deixemos este maldito lugar.

O oficial levantou-se e proferiu uma palavra de comando; diversos homens me colocaram em cima dum cavalo. Ele saltou para a sela, atrás de mim, agarrou-me com os braços e deu ordem de partida; e, voltando as costas aos ciprestes, avançamos numa rápida ordem militar.

A minha língua ainda se recusava a mexer e eu mantinha-me silencioso a força. Devia ter adormecido, pois a próxima coisa de que me recordei foi encontrar-me de pé, ajudado de cada lado por um soldado. Era quase dia e para o Norte refletia-se uma faixa vermelha de luz do sol, como um caminho de sangue sobre a neve. O oficial ordenou aos homens que não dissessem o que tinham visto, exceto que encontraram um inglês guardado por um cão enorme.

— Cão! Aquilo não era um cão — cortou o homem que mostrara muito medo. — Penso que ainda conheço um lobo.

O jovem oficial respondeu calmamente:

— Eu disse um cão.

— Cão! — retorquiu o outro ironicamente. Era evidente que a coragem lhe chegava com o despertar do sol; e apontando para mim, ele continuou: — Olhe para a garganta dele. Acha que aquilo é obra de um cão, senhor?

Instintivamente levei a mão a garganta e, quando lhe toquei, soltei um grito de dor. Os homens rodearam-me, curvando-se sobre as selas, e de novo se ouviu a voz calma e compassada do oficial:

— Um cão. Já disse. Se alguma coisa mais for acrescentada seremos alvo de galhofa.

Eu ia montado agora atrás dum soldado de cavalaria e cavalgamos em direção aos subúrbios de Munique. Ali encontramos uma carruagem abandonada, para a qual me passaram e que foi conduzida para o “Quatre Saison”, acompanhado pelo jovem oficial enquanto o soldado de cavalaria nos seguia a cavalo e os outros se dirigiam para o acampamento.

Quando chegamos, Herr Delbrueck desceu as escadas para vir ter comigo tão depressa que evidentemente devia nos estar observando. Solicitamente, tomou-me as mãos e levou-me para dentro.

O oficial cumprimentou-me e preparava-se para se retirar, mas insisti para que subisse ao meu quarto. Depois de uma bebida, agradei-lhe efusivamente, assim como aos seus bravos companheiros por me terem salvo. Ele respondeu simplesmente que estava mais do que satisfeito e que Herr Delbrueck tinha tomado as primeiras medidas para recompensar o grupo; a isto, o *maitre* do hotel riu-se enquanto o oficial, alegando serviço, se retirou.

— Mas Herr Delbrueck — perguntei —, como e por que me procuraram as soldados? Ele encolheu as ombros, como que deprecando o seu feito, e respondeu:

— Tive muita sorte em conseguir permissão do comandante do regimento em que servi, para pedir voluntários.

— Mas como soube que eu estava perdido? — perguntei.

— O cocheiro chegou com os restos da carruagem, que ficaram, quando os cavalos fugiram.

— Mas por certo não ia mandar só por isso uma patrulha de soldados?

— Oh, não — respondeu. — Mesmo antes do cocheiro ter chegado, recebi um telegrama de Boyar, de quem o senhor e hóspede — e tirou do bolso um telegrama, que me entregou, e eu li:

“Bistrize:

“Tenha cuidado com o meu hóspede, a sua segurança é muito preciosa para mim. Se alguma coisa lhe acontecer ou se se perder, não poupe esforços para localizá-lo e o pôr em segurança. Ele é inglês e, portanto, tem espírito aventureiro. Muitas vezes, há perigo na neve e com os lobos à noite. Não perca um só segundo, se suspeitar que alguma coisa lhe aconteceu. Saberei recompensar regamente o seu zelo.

Drácula”

Ao terminar a leitura do telegrama, a sala pareceu girar à minha volta; e, se o atento *maitre* do hotel não me agarrasse, penso

que tinha caído. Havia qualquer coisa de estranha nisto, qualquer coisa tão sinistra e impossível de imaginar, que em mim cresceu a sensação de estar nas mãos de forças opostas — só esta idéia bastava para me paralisar. Eu estava, por certo, sob uma misteriosa proteção. Uma mensagem que me salvou do sono na neve e das mandíbulas do lobo viera dum país distante no preciso momento.

DRÁCULA conta com mais de 600 anos, é infinito o poder malféfico que acumulou no curso desse tempo. Ao seu chamado acorrem os lobos, ratos, serpentes, e demais entes do submundo animal. Ele também tem o dom de transformar-se em névoa fina, impalpável, de modo a penetrar pelas mínimas frestas nos aposentos de quem cujo sangue pretende sugar...

“Arthur agarrou o espeto e o martelo; uma vez resolvido, suas mãos não apresentavam o mínimo tremor. Van Helsing abriu o missal e principiou a ler. Quincey e eu nos esforçamos para apanhá-lo. Arthur colocou a ponta sobre o coração e pude vê-la mergulhando na carne branca. Em seguida martelou com toda a força.

“A coisa que estava no caixão conorceu-se e um grito terrível e sangrento saiu de seus lábios vermelhos, que se abriam. O corpo debateu-se em horríveis convulsões; os dentes rangeram até cortar os lábios e uma espuma avermelhada inundou-lhe a boca. Porém, Arthur não hesitou. Parecia um deus, enquanto seu braço firme se abaixava e se erguia, afundando cada vez mais o espeto, enquanto o sangue do coração ferido jorrava em grande quantidade, espalhando-se ao redor do corpo. O rosto do rapaz mantinha-se firme, espelhando o cumprimento de um grande dever; aquela visão nos deu coragem, de modo que nossas vozes pareciam ressoar através da pequena abóbada.

“Em seguida as contorções do corpo diminuíram; os dentes pareciam trincar e o rosto agitou-se. Depois a coisa permaneceu imóvel. A arrepiante tarefa terminara.”

DRÁCULA, DE BRAM STOKER

A PERSEGUIÇÃO DE DRÁCULA OU...



JAIME RODRIGUES



*S'il y eut jamais au monde une histoire
garantie et prouvée,
c'est celle des vampires;
rien ne manque, rapports officiels,
témoignages des personnes de
qualité, de chirurgiens, de prêtres,
de juges; l'évidence est complète.*
Rousseau

Uma das grandes criações da literatura gótica é o Drácula, de Bram Stoker, personagem que mereceu várias versões teatrais e cinematográficas, que notabilizaram Bela Lugosi (seu maior intérprete), John Carradine, Francis Lederer e, mais proximamente, Christopher Lee — além do paradigma máximo do filme de horror que é *Nosferatu — Eine Symphonie des Grauens* (1921-2), de Friedrich Wilhelm Murnau (1888-1931), com Max Schreck no papel-título.

Narra Kurt Seligman (*le Miroir de la Magie*, Editions du Sagittaire, Paris, 1961) que “jamais os vampiros foram tão numerosos quanto no século dezoito”, acrescentando, ainda, que os casos de

vampirismo foram muito raros na França, originando-se as lendas da Rússia, Silésia, Moravia, Eslováquia, Hungria.

Eram chamados de *upirs* na Polônia, *brucolaques* na Grécia, *ghouls* na Arábia, *vrolek* na Eslováquia, e na Sérvia *Vlkoslak*. Historicamente, um dos mais célebres vampiros foi Piotr Plogojowich, que viveu na aldeia húngara de Kisilova. Diz Seligman que “ele apavorava os aldeões, que acabaram abrindo o túmulo, onde encontraram Piotr agradavelmente estirado, a pele ainda fresca, se bem que tivessem se passado seis semanas”.

As faces estavam rosadas e as unhas tinham crescido; a boca estava cheia de sangue fresco tirado às suas recentes vítimas, que eram todos os mortos há oito dias. Ele foi desenterrado e queimado, e logo que seu cadáver foi completamente destruído é que o vampiro cessou suas horríveis atividades.

De acordo com os pesquisadores, o vampiro não vive apenas de chupar o sangue de suas vítimas, uma vez que na mesma a idéia de Kisilova morreu um homem de sessenta e dois anos que, três dias depois, reapareceu pedindo comida ao filho. O homem foi servido, comeu e retornou ao túmulo, reaparecendo dois dias depois com o mesmo objetivo. Seligman, que se baseou numa estória do jornal *Le Mercure Galante*, em 1792, não explica como, mas o filho do untote (morto-vivo) morreu logo em seguida, sendo acompanhado por mais cinco pessoas. A população desenterrou pai, filho e as cinco vítimas, queimando-os todos, “porque sabiam que aquele que morre devido a um vampiro, torna-se vampiro também”.

Nessa mesma época acreditava-se que os mortos sentiam fome. Um professor alemão, Michel Raufft, publicou o **Tratado sobre os mortos que mastigam em seus túmulos**. Essa crença, aliás, persiste até hoje em diversos agrupamentos primitivos, como entre algumas tribos brasileiras.

Outro autor, Charles-Ferdinand de Schertz, no livro *Magia Póstuma*, acreditava numa explicação “científica” do fenômeno vampiresco. Dizia que as substâncias químicas do solo podem conservar os cadáveres indefinidamente. Além do mais, sob a influência do calor, o azoto e o enxofre contidos na terra reliquefazem o sangue coagulado. Os gritos seriam produzidos pelo ar, que pas-

sando pela garganta, é empurrado pela pressão do calor da fogueira, onde queimavam os vampiros e suas vítimas. Frequentemente, acrescenta Schertz, pessoas são enterradas vivas, e alguns mortos, sobretudo os excomungados, podem sair da sepultura.

Harry Ludlam (A Biography of Drácula - The Life Story of Bram Stoker, W. Foulsham & Co. Ltd., Londres) informa que Stoker baseou-se em Drakula, wojewoda (antiga designação dos príncipes soberanos da Moldávia e da Valáquia), que aterrorizou este último reino entre 1445 e 1452. Dracula destronou Radu III e aliou-se a Segismundo, rei da Hungria, e mais tarde ao sultão Amyrates I, traindo a ambos.

Foi destronado e preso, mas com a ajuda dos turcos recuperou o poder em 1442. Foi condenado a morte por Hunyadi, regente da Hungria (a quem encarcerara após a batalha de Varna), juntamente com o filho. Suas aventuras foram registradas pelos turcos em dois manuscritos do século dezesseis, que ficaram em Budapeste, onde os localizou Arminius Vambery, amigo de Stoker.

Drakula era chamado *strogoica* (feiticeiro), *ordog* (demônio) e *pokol* (infernai), por ter feito um pacto com satã. Essas palavras, aliás, são ouvidas por Jonathan Harker, uma das personagens da obra de Stoker, quando embarca em Bistritz, rumo ao castelo do conde Drácula.

O próprio Stoker não escondeu que inspirou-se no príncipe Drácula da Valáquia, pois conforme registra Harker em seu diário, o conde, ao contar-lhe a história da Transilvânia, dissera que “nós, os *szekelys*, temos o direito de ser orgulhosos, porque em nossas veias corre o sangue de raças valorosas que se bateram bravamente pela liberdade. Desse amálgama de raças européias, que representam os Balcãs, algumas tribos trouxeram da Islândia a alma de Thor e de Wodin. Elas misturaram-se com os hunos, cuja fúria guerreira tinha incendiado a terra numa grande chama. No seu sangue corre também o sangue dos citas, esses demônios do deserto. Podemos nos orgulhar de descender de Átila o Grande.”

Suspirando, acrescenta Drácula: “Ah, jovem, os Dráculas podem se vangloriar de ser uma gloriosa dinastia! Maior do que os Habsburg ou os Romanoff.”

Os *szekelys*, a leste e ao norte, formam com os saxões ao norte e os Magiares a oeste, a população da Transilvânia, enquanto que cita é a designação genérica dos povos nômades do norte da Europa e da Ásia.

Como em outro clássico da literatura gótica, *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley (1797-1851), a narrativa de *Drácula* se desenvolve através do diário das diversas personagens, troca de cartas etc, que a cada passo destacam-se na seqüência de acontecimentos. Inicia-se com Jonathan Harker, jovem advogado a serviço de um notário de Londres, Mr. Peter Hawkins, passando pela correspondência entre Miss Mina Murray, noiva e mais tarde esposa de Harker, e Lucy Westenra, pelo diário de ambas, pelo diário (gravado em fonógrafo) do doutor John Seward, diretor de um asilo de alienados, chegando ao desfecho na mesma Transilvânia onde tudo começou, após algumas peripécias na Inglaterra.

Drácula morava num castelo perto da localidade de Bistritz, na Transilvânia, no meio dos Cárpatos, região que se limitava também com a Moldávia e a Bukovina (a Bukovina setentrional foi incorporada à URSS durante a segunda guerra mundial; o restante permaneceu com a Romênia). Bistritz ou Beszbercze, às margens do rio Szamos, é uma das principais cidades da Transilvânia — antes politicamente unida à Hungria e, hoje, romena.

Abraham Stoker (ou Bram, como assinava), nasceu em Dublin, 1847, e morreu em Londres, 1912. Estudou no Trinity College e, em 1866, iniciou carreira como funcionário público. Desde muito cedo revelou pendores artísticos, inicialmente voltados para o teatro, onde, em 1879, conheceu Henry Irving, ator e homem de teatro, de grande importância em seu desenvolvimento intelectual (e sobre o qual escreveu um livro de reminiscências). Em 1871 leu *Carmilla* (filmada por Roger Vadim, com o título de *Et Mourir de Plaisir*, Rosas de sangue, 1960), de Joseph Sheridan Le Fanu (1814-1873), que nele exerceu fundamental influência. De acordo com a bibliografia estabelecida por Tony Faivre e Jean-Claude Romer (*Midi Minuit Fantastique*, nº 4-5, Paris, janeiro de 1963), publicou Bram Stoker as seguintes obras: *The Duties of Clerks of Petty Sessions in Ireland*, 1878; *Under the Sunset*, 1882; *A Glimpse*

of America, 1885; The Snake 's Pass, 1890; Crooken Sands, 1894; The Watter's Moul, 1894; The Man from Shorrox's, 1894; The Shoulder-of Shasta, 1,895; Drácula, 1897; Miss Betty, 1898; The Mistery of the Sea, 1902; The Jewel of Seven Stars, 1904; The Man, 1905; Personal Reminiscences of Henry Irving, 1906; The Gates of Life, 1908; Lady Athlyne, 1908; The Lady of the Shroud, 1909; Famous Imposters, 1910; The Lair of the White Worm, 1911; Drácula's Guest, 1914, incluindo as novelas The Squaw, The Secret of Growing Gold, Gypsy Prophecy, The Coming of Abel Behenna, The Buria I of the Rats, The Croo en Sands, além da que dá título ao livro.

Apreciava a poesia de Walt Whitman (1819-1892) e, informa Harry Ludlam, fêz parte da sociedade mística The Golden Dawn in the Outer, fundada em 1897. Entre seus membros, encontravam-se Sax Rohmer o criador de Fu Manchu, e William Butler Yeats (1865-1939) — Prêmio Nobel de Literatura em 1923. O livro de Louis Pauwels e Jacques Bergier, *Le Matin des Magiciens*, O Despertar dos Mágicos (Gallimard/DIFEL), dá sumárias informações sobre a Golden Dawn: "... tinha como finalidade a prática da magia cerimonial e a obtenção dos poderes e conhecimentos iniciáticos (...Ela contava com sociedades similares alemãs de que mais tarde se encontrarão certos membros no famoso movimento de antroposofia de Rudolph Steiner, depois em outros movimentos influentes do período pré-nazi."

Além da biografia de Ludlam, pouca coisa existe sobre Stoker, senão dois artigos no Time (22 e 25 de abril de 1912).

Louis Vax, no livro *L'Art et la Litteature Fantastiques* (PUF, Paris, 1960), diz que "o vampiro esta mais aparentado com o criminoso e o maniaco sexual do que as divindades tutelares. O monstro representa-nos as tendências perversas e homicidas, tendências que, aspiram gozar, livres, de uma vida própria". Além dessa explicação totalmente maniqueísta, que ignora na totalidade as raízes biológicas e sociais que atuam sobre o processo de criação da obra de arte, ao fluxo que nasce no inconsciente e, tornado consciente, transforma-se em obra de arte mesma, o lado dos mitos arquetipais

que povoam toda e qualquer literatura, Vax simplesmente ignora Stoker, não o mencionando uma única vez.

O livro de Bram Stoker é simples: Jonathan Harker segue de Londres para Bistritz, a fim de exibir ao conde Drácula a documentação da casa que este comprara em Carfax. Logo descobre que está virtualmente preso — o castelo é uma verdadeira fortaleza, o seu anfitrião, além de estranhos hábitos noturnos, não tem nenhuma outra pessoa no local. Não havia sequer um espelho no castelo. Harker, para se barbear, utilizava o pequeno espelho de seu estojo. Numa dessas ocasiões, percebe que Drácula nele não se reflete.

Mais tarde, semi-adormecido, sente que três jovens (duas morenas e uma loura) o observam — embora ao luar, elas não projetam sombra. Alguns dias depois, explorando o castelo, Harker descobre o corpo de Drácula.

Assim descreve ele o que viu: “Ele parece morto, mas seus olhos abertos, parados e grandes, não tem a aparência vítrea dos mortos; suas faces são pálidas e seus lábios vermelhos. Debruço-me sobre ele: não respira mais e seu coração não bate. Preparei-me para explorar seus bolsos e neles encontrar as chaves do castelo, mas, se bem que inconsciente de minha presença, li em seus olhos um tal ar de ódio que fugi, espantado, e ganhei meu quarto pelo caminho que me tinha trazido.” Tomando coragem, Harker volta mais tarde à capela mortuária a fim de obter a chave do castelo. Embora procurasse, não a localiza, enquanto Drácula o contemplava com um sorriso zombeteiro. Harker tenta matá-lo com uma pá, mas “nesse momento o conde volta a cabeça e me lança um olhar terrível. Seus olhos me fascinam e paralisam meu gesto. A pá me escapa das mãos e cai sobre a tampa (do caixão), que se desmancha”.

Apesar de vigiado pelo conde, Harker consegue escapar e é recolhido, preso de forte excitação nervosa, num hospital.

A ação retorna a Whitby, onde Miss Mina Murray e Miss Lucy Westenra (que é sonâmbula), trocam confidências. Esta última fora pedida em casamento três vezes no mesmo dia: pelo doutor John Seward, diretor do asilo de alienados (cuja mansão vizinha é de Dracula); Mr. Quincey Morris, “um sedutor americano do Te-

xas” e, finalmente, por Arthyr Holmwood, um rico herdeiro. Ela escolhe o último.

Numa de suas crises de sonambulismo, Lucy é atacada por Drácula — que viera para a Inglaterra. Sem meios para curá-la de sua palidez mortal e de sua excitação noturna, Seward convoca o médico de Amsterdam, Abraham van Helsing, que, após praticar uma transfusão de sangue na jovem, descobre a marca de dois pequenos furos em cima de sua veia jugular. Nessa ocasião, um morcego bate suas asas contra a vidraça.

Notícia a Pall-Mall Gazette que um lobo chamado Bersicker figura no jardim zoológico. Thomas Bilder, o tratador de animais, declarou à imprensa que havia “perto da jaula um tipo magro, barbudo, de nariz pontudo. Tinha olhos vermelhos e um olhar duro. Ele me desagradou logo, porque tive a impressão de que enervava Bersicker. Mais vestígios de Drácula.

Prêsa de forte anemia, Lucy morre. Logo depois a Westminster Gazette informa que nos arredores do cemitério de Hampstead muitas crianças desaparecem, reaparecendo horas depois ou, até, apenas na manhã seguinte. Todas têm uma pequena marca na garganta e foram atraídas por uma misteriosa Dama Branca.

As suspeitas de Helsing se confirmam; expõe a todos a verdade: Lucy é uma mulher-vampiro. Ninguém acredita, sobretudo Holmwood, porém o médico prova o que afirma. Vão ao cemitério e, seguindo o ritual, dão-lhe a paz eterna.

A partir desse ponto, Drácula assume uma tênue conotação de novela policial, com Jonathan Harker, recuperado e já casado com Mina, que chegara ao grupo através da amizade entre Lucy e sua esposa, auxiliando Seward, Helsing, Morris e Holmwood, a exterminar o vampiro.

Helsing dá-lhes algumas lições.

O vampiro tem a força de vinte homens. Podem se transformar em neblina (forma sob a qual Drácula aproximou-se de Lucy e Mina), lobo, morcego. É imortal e fortifica-se cada vez que ingere sangue humano. Seu corpo não projeta sombra e não se reflete no espelho; é fluido, pois passa como fumaça pela abertura mais imperceptível (como Lucy procedeu no cemitério). Vê na obscurida-

de. Entra numa casa apenas se for chamado, porém, depois, volta quando quiser. Seu poder cessa quando surge o dia, pois se exposto aos raios do sol, o corpo se pulveriza. Somente pode repousar na terra em que foi enterrado ou numa tumba sacrílega — como a de um suicida. Só pode entrar na água quando em maré alta.

(Drácula trouxe para a Inglaterra cinquenta caixas de terra, deixando vinte e nove em Carfax, seis em Mile Sand, seis em Jamaica Lane e nove em Piccadilly Circus, Londres).

Para exterminar o vampiro, deve-se separar sua cabeça do tronco, encher sua boca de flores de alho e cravar um venábulo (estaca de madeira), de preferência com três polegadas de espessura e três pés de comprimento, com ponta incandescente, no seu coração. Sua aproximação é evitada com flor de alho, eglantina silvestre ou tuberosa. A cruz também o afugenta. Uma bala de revólver, benzida disparada através da madeira do esquife, pode matá-lo. A fim de evitar sua entrada em qualquer local, buracos de fechadura, pequenas frestas etc, devem ser vedadas com uma pasta feita com hóstia consagrada.

Entretanto, Drácula, embora caçado pelos quatro, conseguiu chupar o sangue de Mina, entrando no hospício (onde todos se hospedavam), através de um paciente, “R. M. Renfield, cinquenta e nove anos, temperamento sangüíneo, grande força física, excitação mórbida, períodos de depressão, idéia fixa que não pude, ainda, precisar exatamente. Pode ser perigoso, sobretudo se não é egoísta” (!), anotou o doutor Seward. Entre outras ocupações, Renfield comia moscas e aranhas.

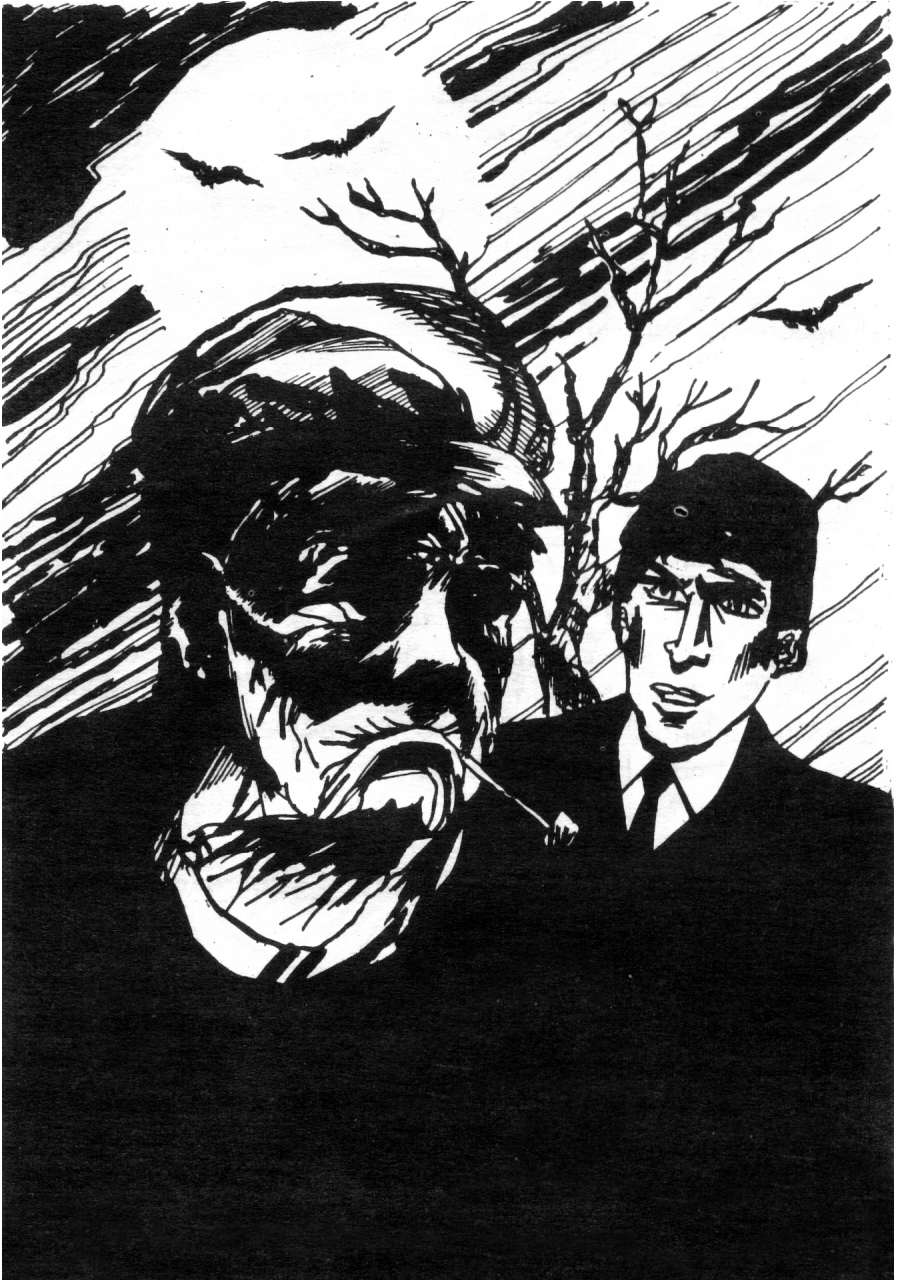
O quarteto aperta o cerco em torno de Drácula, localizando e exorcizando quarenta e nove caixas de terra, o que impediria Drácula de ter um lugar para esconder-se durante o dia, o que fatalmente o levaria à extinção. A última já estava num navio, que zarpava com destino a Varna. Drácula pretendia retornar a seu castelo.

Embarcam todos, inclusive Mina, que tinha a testa queimada, pois Helsing encostara a hóstia nela, a fim de protegê-la da influência de Drácula. Durante a noite, quando Drácula telepaticamente entra em contato com ela, Mina é hipnotizada por Helsing, que assim, através dela acompanha o itinerário de Drácula. Acontece,

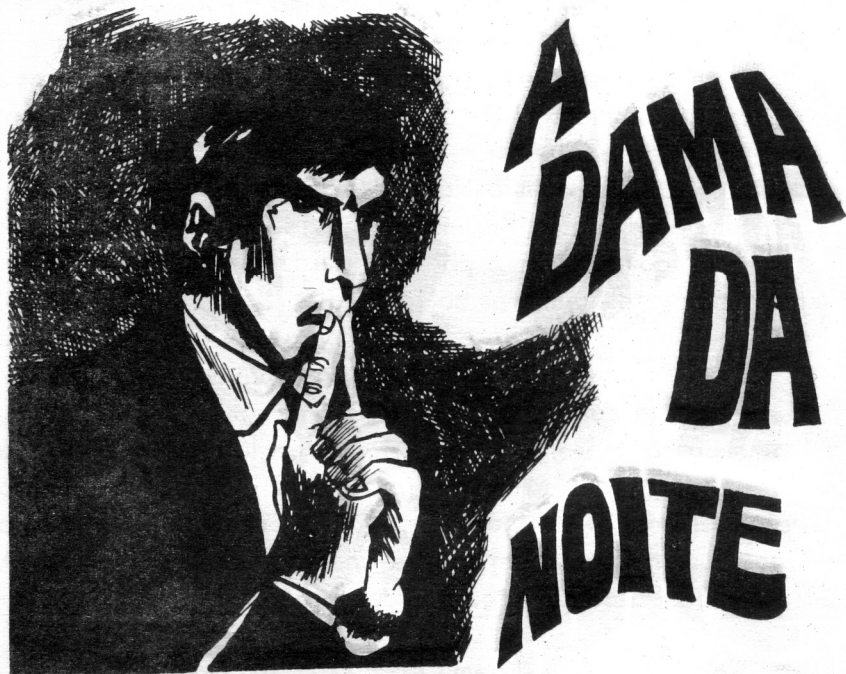
porém que Mina, inconscientemente revela ao conde o que seus amigos pretendem fazer. Assim Drácula logra-os alterando inclusive a escala do navio.

Finalmente, após longa perseguição por mar e terra, quase ao anoitecer, os quatro encurralam a carroça que conduzia a caixa de terra com Drácula dentro. Separam a cabeça de Drácula do corpo e executam o resto do cerimonial. Na “batalha”, Quincey morre.

O *happy end*, sete anos depois: Holmwood e Seward estão casados, Jonathan e Mina têm um filho ao qual deram o nome de Quincey Morris.



ROGER M. THOMAS



O meu bisavô, Jaimes A. Bradley, sempre foi considerado entre os membros mais chegados da família como um homem extremamente emotivo. Não propriamente louco ou excêntrico, mas talvez um pouco esquisito. Devido a esta circunstância, não ficamos surpreendidos ao tomar conhecimento de que deixara instruções para que seu pequeno cofre de objetos pessoais só fosse aberto ao fim de cinquenta anos pelo mais velho representante da família pertencente ao sexo masculino.

Hoje, decorridos cinquenta anos sobre esse dia, foi-me confiado o cofre, a mim, Arthur Jaimes Bradley. Ao abri-lo, verifiquei que continha unicamente uma coleção de recordações

peçoais, tais como um anel com sinete, uma condecoração ganha numa exposição de suínos, e coisas do gênero. Apenas isso... e uma carta. A carta, no entanto, posso garantir que era diferente de qualquer outra jamais escrita. Compreendo agora por que razão o meu bisavô estipulou que só fosse lida cinquenta anos após sua morte. Se a tivesse tornado pública em vida, teria sido com toda certeza encerrado num asilo de lunáticos. Se fosse aberta pouco tempo depois de sua morte, havia a possibilidade das más línguas começarem a pôr em dúvida a relativa sanidade mental dos outros membros da família.

Só consegui que o testamento de meu bisavô fosse tornado público após atentas deliberações. É possível que o que deixou escrito seja produto dos desvarios de um espírito mórbido. Se, por outro lado, tiver dito a verdade, torna-se vitalmente necessário informar o mundo sobre os terrores que experimentou nessas noites lúgubres para que nos possamos proteger contra ocorrências semelhantes. A carta começava com a seguinte declaração:

“Eu, James Andrew Bradley, no perfeito uso de minhas faculdades físicas e, assim espero, mentais, juro serem verdadeiros os acontecimentos a seguir relatados.

“O anoitecer de 6 de junho de 1872 foi chuvoso e tempestuoso. O dia estivera insuportavelmente quente e úmido... um indício quase certo de uma chuvada iminente. À noite, porém, arrefeceu tanto que me vi obrigado a atear um fogo na lareira. A minha mulher tinha ido para a cidade passar alguns dias com a irmã, que tivera alta do hospital depois de uma operação de certa gravidade, e eu estava sentado diante do lume a fumar meu cachimbo, sentindo extraordinariamente a falta de Martha e perguntando-me se ela também sentiria a minha, pelo menos um pouco.

“Devo ter passado pelo sono, pois fui despertado por pancadas sucessivas na porta. Levantei-me para ir atender, interrogando a mim mesmo quem poderia ser numa noite como aquela. Vivemos no campo e as

visitas são pouco freqüentes, mesmo em condições normais.

“Quando abri a porta deparei com uma mulher jovem de pé na entrada. Na semi-penumbra pareceu-me muito mais bela do que a mais bela mulher que eu já vira.

“— Perdão — disse numa voz baixa e gutural. — O meu cavalo espantou-se quando seguíamos pela estrada e fui atirada para fora da carruagem. Pode dar-me qualquer indicação quanto à maneira de chegar à cidade?

“— Pois não — disse —, mas entre. Entre. Deve estar encharcada.

“Quando ela penetrou no vestibulo iluminado, notei surpreendido que, muito embora devesse ter percorrido certa distância embaixo de chuva, não se via nem uma gota de água. Reparei também que, apesar de incontavelmente bela, o seu tipo de beleza não pertencia ao gênero vulgarmente admirado pelo homem. Os cabelos magníficos eram negros azeviche e sedosos, mas as orelhas deixadas descobertas eram quase pontiagudas. O rosto era comprido, acentuado pelo queixo aguçado. Era alta, flexível, graciosa, porém a feição que mais atraía a atenção era a boca. Larga, de lábios finos e muito, muito vermelhos. Dei por mim a pensar qual seria a sensação de ser beijado por uns lábios assim, mas afastei rapidamente a idéia do espírito. Estava casado há pouco tempo e não me parecia que Martha aprovasse tal comportamento.

“Quando cheguei ao enorme living-room, Shep, o meu cão pastor que dormitava tranqüilamente diante da lareira, acordou e soltou um uivo pavoroso e enlouquecido. Não podia compreender aquilo, uma vez que Shep, que prestava uma grande ajuda a guardar o gado, não era feroz e, de fato, nem sequer se podia consi-

derar um cão de guarda. Por que razão reagiu assim perante a nossa hóspede, não soube dizê-lo.

“Ajoelhei e afaguei-lhe o pêlo.

“— Quietos, Shep. Deita-te. É assim que recebes as visitas?

“Porém, não consegui tranquilizar o cão. Arrojando a barriga pelo chão foi recuando da jovem. Os uivos capazes de fazer gelar o sangue nas veias cortavam o ar. Levei-o até a porta dos fundos e disparou como uma seta.

“— Lamento muito — disse ao voltar para junto da minha visitante. — Nunca vi o Shep tratar ninguém assim...

“Detive-me horrorizado perante a expressão de ódio que transpareceu no rosto dela. Tinha os lábios torcidos num esgar e as narinas palpitavam-lhe. Os olhos, fixo no local onde Shep estivera deitado, pareciam chispar. Ao olhar para eles tive a sensação de contemplar por momentos as profundezas mais obscuras do inferno. Não consegui evitar um estremecimento.

“Quando notou que eu a observava, a mulher controlou imediatamente as suas emoções.

“— Receio que o seu cão não goste de mim — disse. — Se me disser como poderei chegar à cidade, vou-me embora já.

“Dei-lhe instruções e insisti para que me deixasse ir aparelhar os cavalos e levá-la. Todavia, nem quis ouvir falar mais nisso e eu também não estava muito disposto a sair numa noite daquelas, pelo que não teimeei. Acompanhei-a até a porta da frente, pedindo-lhe que esperasse até eu fechar Shep na cozinha para evitar qualquer aborrecimento. Depois de ter preso Shep na cozinha dirigi-me para a entrada e ouvi a porta fechar-se. Estuguei o passo, pegando no candeeiro de querosene de cima da mesa do living. Com o intuito de iluminar o caminho à minha frente, abri a porta. Perfei-

tamente perplexo verifiquei que o caminho estava deserto. Fiquei parado à porta por momentos, e depois voltei para junto do meu cachimbo e da minha poltrona, intrigado com o súbito desaparecimento da mulher.

“Devido ao temporal da véspera, no dia seguinte não pude fazer grande coisa além das tarefas rotineiras. Por conseguinte, decidi dar uma arrumação à casa, que fora muito negligenciada durante a ausência de Martha. Só então dei o justo valor às tarefas domésticas a que uma mulher está sujeita todos os dias. Passei a tarde a limpar o pó, a varrer e a organizar todas as coisas. Uma vez por outra vinha-me à memória a visitante da noite anterior, e fiquei surpreendido ao verificar que tinha dificuldade em recordar as suas feições. Tudo de que me lembrava perfeitamente era do pânico de Shep quando a mulher se aproximou dele. Com respeito à própria mulher lembrava-me das suas feições vagamente, possuidora de uma beleza sobrenatural. É estranho como hoje penso nela com repugnância.

“As minhas divagações foram interrompidas pelos latidos de Shep. O ladrar era de satisfação, reservado apenas a três pessoas: a Martha, a mim e a meu bom amigo e vizinho, Charlie Redik. Charlie não perdeu tempo a bater e veio encontrar-me no vestibulo, de vasoura e pano de pó na mão.

“— Viva, James! Já te conhecia muitos talentos, mas a tua competência como dona de casa constitui uma surpresa para mim!

“Era um indivíduo robusto e jovial, sempre paciente e agradável. Dada a circunstância de ter nascido numa zona de superstições profundamente enraizadas, na Europa Central, algumas dessas mesmas superstições haviam se tornado parte de sua própria natureza. À parte isto, era um homem absolutamente objetivo e cheio de sentido prático. Charlie era mais velho do que

eu um bom par de anos e nunca tinha casado. Era essencialmente um lavrador e interessava-se pouco por qualquer outra coisa que não dissesse respeito à agricultura. No entanto, existia em si uma ponta de esteta que fizera dele um colecionador de borboletas. Possuía uma bela e rica coleção, conservando cada espécime numa divisória baixa, e o conjunto ficava hermeticamente fechado por uma placa de vidro. Sentia-se muito justamente orgulhoso com o resultado do seu passatempo.

“Levei-o para o living, onde permanecemos a fumar e a conversar durante algum tempo. Fiz uma rápida referência à minha visitante da noite anterior e ele ouviu-me atentamente, com uma expressão estranha no rosto. Eu procurava contar a coisa de um modo despreocupado, mas a expressão de perplexidade de Charlie, que em breve se converteu em terror, conferiu uma nota sombria a minha história.

“Concluí-a o mais rapidamente possível.

“Charlie permanecia como que em transe, murmurando ocasionalmente ‘vampiro... vampiro...’

“O seu comportamento começava a enervar-me de tal modo, que acabei por exclamar com aspereza:

“— Charlie, o que estás dizendo?

“Conservava ainda no rosto a mesma expressão de perplexidade quando me respondeu.

“— Caro James, foste visitado por um vampiro. Essa criatura, que não pertencendo ao mundo dos vivos, também não pertence ao dos mortos. Na Hungria, tive conhecimento de vários casos de pessoas visitadas por vampiros. Conheço o seu método de aproximação.

“Explodi ao ouvir aquilo.

“— Charlie, não acreditas numa coisa dessas com certeza, pois não?

“— James, James, por que não hás de acreditar no que os teus próprios olhos dizem ser verdade? Vistes os

seus traços. E no entanto, hoje a única coisa de que te lembrás é que tinham uma configuração comprida... afiada. Não te recordas de nada definido... sinal evidente de que se tratava de um ser sobrenatural. Ontem à noite, na tua presença, pareceu-te bela, mas hoje o teu espírito acha-a repulsiva. É essa a influência hipnótica que o vampiro exerce sobre nós. Mas se acha que isto não chega, como explicas o que se passou com o Shep? Os cães não estão sujeitos ao que tu consideras contra-sensos supersticiosos. E a verdade é que Shep não se assusta normalmente com facilidade.

“A parte que se referia a Shep foi a que me impressionou mais sem dúvida alguma por considerá-la estranha, mas mesmo atendendo ao seu comportamento não estava disposto a dar crédito às teorias de Charlie, e foi isso mesmo que lhe disse:

“Ele prosseguiu.

“— Recusas-te ainda a acreditar-me, hem? James, o vampiro recua nos tempos até o Egito antigo. Há vestígios dele na Ásia, na Europa, nas Américas, em qualquer parte do mundo. Foram escritos vários textos sobre seus hábitos e existência. E nos nossos dias, na chamada idade esclarecida, o vampiro continua a exigir certa atenção. A única diferença reside no fato de atualmente, em vez de ser tratado, e com razão, como um ser sobrenatural, muitas pessoas se inclinaram para a teoria de que o vampirismo constitui uma forma de melancolia que se traduz no ser humano pelo receio da luz do dia e uma sede insaciável de sangue. Por mim, considero o vampiro um joguete do demônio. Alimenta-se... sim... deseja sangue dos seres vivos. O único propósito é prosseguir a batalha travada por Satanás contra a Justiça na Terra. Se um vampiro beber do teu sangue, também tu, depois de morto, te transformarás num vampiro. É assim que vão engrossando as suas fileiras.

“Todo aquele palavreado de Charlie, usualmente bastante taciturno, provocou-me uma sensação de desconforto. Se foi a sua conversa, ou o vento que assobiava agora nas cumeeiras da casa não sei, mas tive subitamente consciência de ser percorrido por um estremecimento. Mudei de assunto para caminhos mais agradáveis, propondo uma partida de cartas. Anoitecera e fui acender a luz da sala.

“Mal tínhamos começado a primeira jogada quando o silêncio foi cortado pelos uivos lancinantes e de puro terror de Shep, que ficara lá fora.

“Charlie e eu precipitamo-nos para fora, esquecendo-nos com essa precipitação de fechar a porta.

“Shep estava agachado em frente do celeiro. Com o rabo entre as pernas, parecia tentar afastar-se de algo. Os movimentos eram de súplica e os uivos deviam ter acordado a vizinhança naquelas milhas ao redor.

“Quando chegamos junto dele a única coisa que vimos foi uma grande traça que esvoaçava por cima da sua cabeça. A nossa aproximação, voou na direção da casa. Shep acalmou-se imediatamente, embora estremecesse ainda.

“— Não compreendo — comentei para Charlie. — Shep nunca agiu desse modo.

“— O vampiro — murmurou Charlie, com um tremor na voz. — A traça, o morcego, o rato. O vampiro pode assumir o aspecto de qualquer desses animais e de muitos outros. Caro James, acredita-me. Corres um perigo muito grave. Não pela tua vida, mas pela tua alma.

— Quem parece correr perigo — respondi, tentando gracejar — é o Shep. Pessoalmente, continuo a não acreditar no teu vampiro, mas segundo parece ele acredita. Charlie, queria pedir-te o favor de tomares conta dele por alguns dias. O Shep gosta de ti e tenho receio

que se continuar aqui mais tempo acaba por morrer de susto.

“— Ou morre por lhe sugarem o sangue do corpo — acrescentou Charlie. — James, nem tu nem o cão estão em segurança. Shep corre perigo porque sabe a ameaça que paira sobre ti. E tu porque não sabes, ou porque não acreditas na verdade. Claro que o levo comigo, James. E tu, meu caro, tenha muito cuidado.

“Com essas palavras, Charlie deixou-me seguido por Shep. Passei uma ou duas horas a tratar dos preparativos para a noite e em seguida voltei para casa, disposto a preparar uma ceia fria. Meditava nas palavras de Charlie. Não por certo ser tão crédulo que acreditasse no que ele dissera. Na realidade, se não fosse o comportamento de Shep, tê-las-ia posto de parte imediatamente como um arrazoado mórbido de um espírito excessivamente supersticioso. Tentava encontrar uma explicação lógica quando ouvi alguém exclamar:

“— Boa noite, James Bradley.

“Rodei sobre mim mesmo. Na semi-obscuridade vi a mulher da noite anterior.

“— Você! — exclamei. — Que faz aqui?

“— Não se lembra? Convidou-me a noite passada. E um convite basta.

“— Pergunto é como conseguiu entrar.

“Levantei-me e ela dirigiu-se para mim.

“— Conheço muitas maneiras de entrar e sair. Você ainda não pode compreender, mas, com minha ajuda, conhecê-las-á em breve. — Sorriu-me. Tinha-me posto de pé, mas devo confessar que o sorriso dela fez com que os meus joelhos fraquejassem.

“Era como que um esgar malicioso e perverso. E aqueles dentes! Pequenos e aguçados. As gengivas es-carlates rivalizavam com os lábios rubros. O conjunto era extraordinariamente perverso, e no entanto fascinante.

“Avançava para mim a sorrir, e eu não podia fazer outra coisa senão recuar. Desviar-me para o lado ou afastá-la teria sido impossível naquele momento.

“O meu movimento de recuo foi refreado pela enorme mesa do living contra a qual fui chocar. Apoiei as mãos à superfície da mesa e deixei-me ficar ali, imóvel, enquanto a mulher se aproximava cada vez mais. À medida que se aproximava ia dizendo:

— Por que tem medo de mim, James Bradley? Por que foge? Venha, não quer entrar no meu mundo das trevas? — colocou as mãos geladas nos meus ombros e inclinou-se para mim. Sentia nas narinas o seu perfume quente e suave. Uma estranha letargia apoderou-se de mim e não tinha qualquer desejo de me afastar daquela criatura extraordinária.

“As minhas mãos, que se agitavam inconscientes no tampo da mesa, crispavam-se de repente num objeto que reconheci, pelo tato, tratar-se de uma pequena Bíblia que Martha deixava sempre ali. No momento em que toquei a Bíblia senti percorrer-me uma vaga de força e a sensação de letargia desapareceu imediatamente. Desviei-me para o lado, estendendo ao mesmo tempo a mão que segurava a Bíblia à minha frente.

“A mulher recuou como se houvesse sido fulminada. Ficou imóvel por momentos, respirando pesadamente e rangendo os dentes. Falou por fim num tom sibilante:

— Desta vez, James Bradley, conseguiste escapar-me. Mas haverá outras vezes, não tenhas receio. Um dia serás como eu, vagueando pela noite até a eternidade. Antes disso, porém, arrepender-te-ás de me teres repudiado esta noite. Aquela (apontou o retrato de Martha) deve ser a mulher a quem amas tanto. Creio que a incluirei nas minhas fileiras primeiro, a menos, evidentemente, que mude de sentimentos amanhã à noite, por esta hora, quando eu voltar. Agradar-me-ia muito mais que ela fosse introduzida no meu mundo

por ti. Perante mim ficas impotente, James Bradley. Lembra-te disto. Absolutamente impotente.

“E depois riu — a gargalhada mais odiosa que jamais ouvi, e dirigiu-me um olhar de tal modo impregnado de maldade que fui forçado a cobrir os olhos com o braço. Quando me atrevi a abri-los de novo tinha desaparecido.

“Fui-me deitar, mas não consegui descansar. O meu sono foi perturbado por pesadelos que só a presença macabra da mulher e a explicação igualmente macabra de Charlie Redik poderiam ter produzido. Continuava a não acreditar na versão de Charlie. Procurava ainda uma explicação lógica, porém não me restavam dúvidas quanto às suas ameaças de ferir Martha.

“O dia seguinte começou logo a correr-me mal. Primeiro, descobri que muitos dos meus frangos jaziam mortos no pátio, inclusive o velho Gus, o galo que assumira a tarefa de trepar para a cerca e despertar-me todas as manhãs ao romper da aurora. A circunstância de ter perdido toda aquela criação já era desagradável, mas foi ainda muito pior quando descobri que a causa da morte se devia ao fato de o sangue lhes ter sido sugado por completo do corpo. Conferiu uma aura irreal a tudo aquilo e tornou-me mais consciente do que nunca quanto às estranhas perturbações que me afligiam e a estranha criatura que se encontrava por detrás delas. Perguntava a mim mesmo se ela teria alguma coisa a ver com esta última desgraça.

“Ponderava ainda a situação, nessa noite, quando apareceu Charlie Redik, seguido de Shep.

“Fiquei satisfeito ao ver Charlie de novo, pois tinha uma quantidade de perguntas a fazer-lhe.

“Não estava disposto a aceitar completamente as suas teorias vampírescas, porém os últimos acontecimentos haviam-me tornado pelo menos agnóstico sobre o assunto. Quando entramos em casa, fiquei surpreen-

dido ao ver que Shep recusava-se terminantemente a seguir-nos. Assim como também não se aproximava do celeiro, onde o encontramos a uivar na noite anterior.

“Já confortavelmente instalados no living-room, contei a Charlie toda a história. Quando cheguei ao fim, mostrou-se profundamente chocado.

“— É ainda pior do que eu receava — disse. — James, uma vez que o vampiro vai voltar esta noite, não deves ficar aqui. Ficarei eu no seu lugar.

“— Mas, Charlie — protestei —, muito embora eu não concorde ainda que estamos lutando contra algo sobrenatural, creio que corremos um grave risco. E não posso consentir que sejas tu a enfrentá-lo.

“— Eu estarei protegido — volveu Charlie. — Estou muito melhor protegido do que tu, porque sei contra o que nos devemos precaver. Tu sabes, mas não acreditas. Portanto, quando o vampiro aparecer será sob a aparência de um morcego ou de qualquer outra criatura alada para poder voar de uma janela para a outra à tua procura. No entanto, não será a ti que irá encontrar, mas a mim na tua cama e aparentemente a dormir. Diz-me uma coisa, James, tens alhos aqui em casa?

“— Sim, muitos — respondi sorrindo. — Foi o que deu origem à primeira discussão entre mim e Martha. Comprei-os convencido de que se tratava de uma fanga de cebolas. Mas, Charlie, por que não me deixa fazer eu o que for necessário? Não ficava tão bem protegido como tu?

“— Responderei a essa pergunta com outra pergunta, James. Diz-me, segundo a lenda para que é que se usa o alho ou a rosa brava?

“— Para afastar os vampiros e outros espíritos malignos.

“— Exatamente. E acreditas seriamente que possuam poder para tal?

“— Claro que não. Antes do mais, não acredito nem em fantasmas, nem em espíritos do mal, nem em almas penadas, nem em bruxas ou coisas do gênero.

“— Exatamente — retorquiu Charlie. — Por conseguinte, não poderias confiar na precaução que é necessário tomar para os afastamentos. Para ti, o alho é um fetiche, o símbolo de um espírito supersticioso. A lenda afirma que a rosa brava ou o alho tem de contar com uma fé extraordinária por parte da pessoa que se encontra sob sua proteção a fim de serem eficazes. Se isto é ou não verdade desconheço, mas não nos podemos arriscar. Para ti o alho não é nada mais além de um condimento para a cozinha. Compreendes agora por que razão tenho de ser eu a enfrentar a tua visitante noturna?

“Percebi aonde ele queria chegar, mas continuava a não me agradar. Assim como também não me agradou o que ele me pediu para fazer em seguida. Disse-me que o ajudasse a besuntar com alhos todos os meios de acesso ou de saída possíveis. As janelas, portas, receberam todas uma dose liberal de cheiro de alho, especialmente junto às molduras. Charlie esfregou ainda uma boa quantidade em redor da abertura do fogão e de um buraco de ratos que descobriu num canto da cozinha. Finalmente, atou alguns ramos de alho à volta do pescoço e declarou-se satisfeito com os preparativos.

“— E agora, caro James, vai para minha casa e passa lá a noite. Em circunstância alguma debes voltar aqui antes do nascer do Sol. Compreendido? Em circunstância alguma, seja ela qual for.

“Restava-me cumprir as suas instruções, uma vez que o deixara dirigir as operações até aquele ponto, pelo que lhe desejei boa noite e me pus a caminho da sua propriedade, seguido por Shep. Começava a cair uma chuva miúda quando parti.

“O meu sono, tal como naquela outra noite, foi interrompido pelo ribombar violentíssimo de trovões. Espreitei pela janela e vi que a chuva da noite anterior se convertera num aguaceiro de tal ordem que ameaçava alagar os campos todos. Estava muito escuro, pelo que supus ter acordado nessas horas esquecidas que precedem o amanhecer. Ao olhar para o despertador em cima da cômoda de Charlie (e que me esquecera de dar corda) descobri, porém, que já passava muito das seis horas. Já decorrera mais de uma hora sobre o nascer do Sol, mas continuava escuro. Vesti-me apressadamente e parti para a propriedade, esperando encontrar Charlie bem e ao mesmo tempo receando o contrário.

“Os meus receios eram infundados, pois ao chegar à casa encontrei Charlie na cozinha a fazer o café e fritar ovos. Tinha um aspecto cansado, ligeiramente apreensivo e um tanto pálido, mas saudou-me com muito entusiasmo.

“— Viva, James, bom dia. Chegas mesmo a tempo de me fazeres companhia para o pequeno almoço. Quer dizer, se conseguir despegar esses malditos ovos do fundo da frigideira.

“— Puseste gordura, na certa? — perguntei com um sorriso.

“— Ah! Não. Eu sabia que me tinha esquecido de qualquer coisa. Sabes, James, estou tão excitado com a nova aquisição para minha coleção que não sei onde tenho a cabeça esta manhã. Venha, vou mostrar-te.

“— Antes do mais, Charlie — interrompi —, que se passou ontem à noite? Aconteceu alguma coisa?

“— Se aconteceu?

“— Sabes a que me refiro. Tiveste... hummm... companhia?

“— James — respondeu evasivo —, consideremos a questão encerrada se eu te disser que tenho muitas dúvidas que voltes a ser importunado mais uma vez por

hóspedes. Repara como o Shep corre de um lado para o outro, satisfeito. Não chega?

“Era verdade. Shep saltava pela casa afora, deixando pegadas de lama por toda parte.

— Agora vem — prosseguiu Charlie. — Vou mostrar-te a nova peça para a minha coleção.

“Conduziu-me para o living-room, onde me mostrou a maior mariposa que já vi. Parecia ter uma expressão maligna, se é que se pode dizer que uma borboleta tem expressão. Reparei também que, em vez de estar empalada pelo meio com um alfinete, aquele espécime estava atravessado por um palito de fósforo, a cerca de um quarto abaixo da cabeça e ligeiramente para a esquerda. Tal como disse antes, tinha um aspecto maligno.

— Linda, não é? — inquiriu Charlie com uma entonação de agrado. — Já podemos ir, James. Vamos ver se conseguimos engolir aqueles ovos. Depois de comermos, temos uma tarefa à nossa espera: apagar todos os vestígios de alho antes que tua mulher regressasse, pois de outro modo vai suspeitar que nos embriagamos durante sua ausência, ou que enlouquecemos os dois. E acredito no que digo, James. Nunca mais serás visitado pela ‘dama noturna’, pelo que sugiro que jamais neste assunto à tua mulher. Um pequeno segredo que fica apenas entre nós.

“Charlie tinha razão.

“Os acontecimentos que relatei tiveram lugar há mais de um ano, e desde aí não voltei a receber mais visitas noturnas. Tudo voltou a ficar tranqüilo e Martha não tem conhecimento do que se passou.

“No entanto, temos que encontrar uma explicação para esses eventos e o seu desfecho súbito. Tenho duas.

“A primeira é a de que a mulher que provocou toda essa excitação era uma lunática que conseguira fugir. E tivemos sorte em que houvesse sido capturada antes de poder fazer mal. Isto explicaria também o pavor de

Shep na sua presença, visto que segundo se diz os cães conhecem as pessoas dementes, mas não justifica o motivo por que se recusou a entrar em casa mesmo depois de ela partir. Há ainda uma série de fatos que esta teoria deixa por esclarecer, pelo que não me satisfaz completamente.

*“A outra possibilidade é que Charlie Redik estivesse certo. A mulher **era** um vampiro. Quando Charlie foi para a cama, em minha casa, deixou a janela ao lado da cabeceira aberta para que o vampiro pudesse entrar. Uma vez lá dentro, conseguiu fechá-la e o alho espalhado à volta da armação serviu de seladura. O próprio Charlie estava saturado de alho. Acreditava nos seus poderes. Por isso, o vampiro viu-se impotente perante ele. Quando tentou sair, todas as saídas besuntadas de alho impediram-no de o fazer. Provavelmente ante os olhos de Charlie, transformou o seu aspecto para o de uma mariposa numa tentativa vã de encontrar um pequeno orifício ou abertura. Se é este o caso, a sua luta deve ter sido terrivelmente angustiante.*

“Estava ainda escuro mesmo depois da hora usual do nascer do Sol, pelo que o vampiro no seu desejo frenético de encontrar uma saída não reparou que a noite acabara. Segundo a lenda, o vampiro só pode operar entre o pôr e o nascer do Sol, portanto deve ter perdido todos os seus poderes depois da noite chegar ao fim e sucumbiu na sua forma presente, a de uma mariposa. Charlie trespassou-a com o fósforo e colocou-a então no expositor hermético, juntamente com o resto da coleção. Tal como já referi, o pau estava espetado de modo a sugerir a localização do coração de um ser humano.

“Também não me agrada esta teoria, pois a aceitá-la terei de rever todas as minhas anteriores opiniões sobre o assunto. Devo admitir uma crença no sobrenatural. Tenho que acreditar que a minha alma correu

perigo vindo do vampiro e que Martha poderia ter corrido precisamente o mesmo perigo vindo de mim. Devo alterar as minhas convicções tão radicalmente que receio ser um esforço demasiado para a minha mente uma tal transição. E no entanto, os fatos falam por si.

“Shep odiou e receou aquela criatura a primeira vez que a viu. Daí o ataque a Shep no pátio.

“A criação aparecera morta. Não foi devorada, mas o sangue foi-lhe sugado até a última gota. E finalmente, a sua misteriosa capacidade de se materializar numa sala que eu supunha vazia, ou desaparecer num abrir e fechar de olhos.

“Quanto à minha segunda teoria, não sei se está correta ou não, e tenho a certeza de que Charles Redik, que sabe, nunca o dirá.”

É esta, pois, a história do meu bisavô, narrada cinquentas anos após a sua morte. Morreu feliz e, segundo tudo leva a crer, completamente são de espírito. Cabe agora ao leitor decidir até que ponto a sua narrativa pode ser aceita como um fato.

Para terminar, gostaria de acrescentar que Charles Redik, que ficou solteiro até ao fim dos seus dias, morreu pouco antes do amigo e deixou a maior parte dos seus bens ao meu bisavô. Entre esses bens encontrava-se a sua magnífica coleção de borboletas. Estipulou que, no caso de destruírem essa coleção, deveriam fazê-lo pelo fogo e radicalmente.

A coleção continua no sótão da casa do bisavô, onde vivo com minha mulher há mais de cinquenta anos. Movidos pela curiosidade trouxemo-la para baixo e estivemos a observá-la. A coleção era linda, com exceção da grande mariposa mencionada na narrativa do meu parente. Tal como ele diz, tem um aspecto repugnante e, de certo modo, indescritivelmente perverso. O pau de fósforo encontra-se ainda na mesma posição, no entanto uma atmosfera de ódio e malevolência parecia rodear a criatura.

Embora não sejamos pessoas supersticiosas, achamos preferível jogar pelo seguro. Queimamos toda a coleção imediatamente.



MICHAEL AVALLONE



Você assobia quando passa perto de um cemitério?

Ora, não se acanhe disso, todos nós temos medo, e se alguém negar não acredite. Afinal, somos mortais, e jamais almeje ser um “imortal”... ou seja, “aquele que não morre”... um “não morto”. Mas, agora venha comigo... um curto passeio através das colinas onde o Conde Alexis encontrou a dama de longos e fluentes véus...

O famoso castelo da família Alexis há muitos séculos que se erguia num apazível vale da bavária. O Conde Alexis, o último membro da histórica e fidalga linhagem, era alto, simpático e gentil. Na verdade, a única preocupação da vila seria quando ele se casaria e teria um filho varão para continuar a glória de seus ancestrais.

E então, numa noite tempestuosa e chuvosa, quando o conde estava no campo com seu cão de caça, Alexis viu uma mulher alta e belíssima, de cabelos longos usando um vestido de longos e fluentes véus, caminhar através da campina em sua direção.

Parece que sua carruagem caíra e desaparecera nas águas revoltas do rio Kasne. Seu condutor e os cavalos tinham perecido, mas ela conseguira se salvar. O conde já estava vencido pelo romântico do seu encontro. Somente o cão de caça parecia uivar, ganir, e latia poderosamente quando a dama se aproximava dele.

Mas o conde insistiu que a dama fosse sua convidada e levou-a imediatamente para o castelo.

Dentro em pouco, Alexis conseguira conquistá-la e ficaram noivos. Todo o povoado festejou o maravilhoso evento. Alexis teria um herdeiro para continuar a linhagem. Embora a felicidade se apoderara de todos, algo não ia bem; à medida que o tão almejado casamento se aproximava, o jovem conde parecia estar perdendo a saúde. Perdeu peso de tal maneira que seus uniformes pareciam pender sobre seu corpo, e curiosamente, a equipe de criados do castelo reparou que Lady Sônia, a sua futura patroa, resplandecia cada dia mais em saúde e formosura, tornando-se até mais jovem.

E como não era vista por ninguém durante o dia, os rumores não demoraram a se espalhar. Lembravam de velhas crônicas que falavam de feiticeiras que se transformam à noite em vampiros e dormem durante o dia, andavam de boca em boca até que eles chegaram ao conhecimento do conde, que não teve alternativa a não ser dar crédito a esses rumores. De que outra maneira poderia explicar esta súbita perda de peso e a falta de saúde? E por que a saúde exuberante de Sônia coincidia exatamente com a perda de vitalidade dele?

No dia precedente ao de seu casamento com Sônia, o conde jazia exausto na grande cama senhorial e meditava sobre todos esses acontecimentos, e resolveu tomar uma decisão. Puxou o cordão chamando o criado. Quando este apareceu, o conde pediu que trouxessem sua noiva até ele! Mas o criado abanou a cabeça... *Lady* Sônia tinha saído antes do dia amanhecer, cavalgando para oeste como era seu costume.

O Conde Alexis ouvira o suficiente. Vestiu-se, armou-se com um punhal curto e ordenou que lhe trouxessem o seu mais rápido cavalo. Cavalgou pela estrada do castelo, indo na direção oeste, para o lugar onde encontrara pela primeira vez a dama dos véus flutuantes. A campina estava sombria, pois a noite começava a cair.

O Conde conduziu o cavalo lentamente pela colina, até que finalmente encontrou o que estava procurando. Uma lápide de pedra enterrada no solo, meio encoberta por folhagem e parasitas. Triunfalmente, ele desceu do cavalo e olhando para baixo,

conseguiu divisar um esquife aberto, com Sônia jazendo nele, seu rosto pálido e bonito, e seus lábios de um vermelho vivo aparecendo fracamente na luz que morria.

Alexis chegou mais perto e preparou-se para matá-la. Dizem que a única maneira de matar um vampiro é enterrar uma estaca em seu coração, enquanto dorme. Mas, subitamente a adaga caiu de seus dedos, e um lento e fantasmagórico sorriso brincou nos seus lábios. Como um homem de pedra, ele deitou-se ao seu lado. Para esperar a hora dos vampiros. Pois ele aprendera o segredo de Sônia tarde demais. Tarde demais para impedir de se transformar também num vampiro...

EU, O MORCEGO



HENRY KUTTNER

CAPÍTULO I

O CAVALHEIRO FUTAINE

A festa estava bastante aborrecida. Ainda era cedo. Naquela noite havia uma estréia no Teatro Chinês, e muito poucos dos hóspedes mais importantes apareceram antes que a projeção terminasse. Jack Hardy, o melhor diretor da Summit Pictures, onde trabalhei como assistente de diretor, também não tinha ainda chegado e era ele, justamente, quem dava a festa. Mas Hardy nunca primara pela pontualidade.

Saí para a varanda e me apoiei numa coluna, sorvendo um coquetel e abarcando com a vista as luzes de Hollywood. A casa de Hardy se encontrava no alto duma colina que dominava a capital do cinema, perto de Falcon Lair, o famoso castelo de Rodolfo Valentino. A neblina vinha de Santa Mônica, escurecendo as luzes no oeste.

Jean Hubbard, uma das ingenuas da Summit, aproximou-se de mim e me tirou das mãos a taça de coquetel.

— Olha, Mart — disse, sorvendo a bebida. — Onde tem andado?

— Com os que filmam “Crimes no Deserto”, no Mojave — respondi. — Tem sentido falta de mim?

Puxei-a para mim. Sorriu-me, e os cílios pintados, ao abaixarem-se, produziram uma nota diabólica no bronzeado de seu rosto. Eu ia me casar com Jean, mas ainda não sabia quando.

— Senti falta de você sim — me disse, oferecendo-me os lábios, que eu aceitei.

Depois dum momento, perguntei:

— Que há a respeito do morcego?

— Oh, o cavalheiro Futaine! Não leu o que Lolly Parsons escreveu no *script*? Jack Hardy descobriu-o o mês passado na Europa. É tudo uma farsa, mas como publicidade funciona.

— Viva a publicidade! — disse. — Lembra-se do que consegui com “O nascimento de uma nação”. Mas a que propósito vem o morcego?

— É o homem mistério. Ninguém pode obter uma fotografia sua, ninguém pode vê-lo. Contam-se coisas horríveis de sua vida passada, em Paris. Vai trabalhar no filme de Jack intitulado “Seda Vermelha”. Qualquer coisa semelhante ao que a Universal fez com Boris Karloff para “Frankenstein”. O cavalheiro Futaine será, certamente, um garçom de café em Paris. Eu ainda não o vi... nem estou me preocupando com isso. Mart, quero que faça alguma coisa por mim, por Deming.

— Hess Deming? — indaguei, abrindo os olhos, assombrado.

Hess Deming era o artista da Summit que mais dinheiro ganhava. Sua esposa, Sandra Colter, morrera dias antes. Também era artista, conquando não da classe de seu marido. Eu sabia o muito que ele a amava e indaguei o que estaria acontecendo.

— É capaz de se matar — disse Jean mostrando grande preocupação. — Sinto-me responsável por ele, Mart. Finalmente, foi com sua ajuda que consegui entrar na Summit.

— Bom, farei o que puder — respondi. — Mas não espero conseguir grande coisa. Eu sei qual seria o meu estado de ânimo se chegasse a perder você, Jean...

Interrompi-me. Não gostava de pensar nisso.

Jean sacudiu afirmativamente a cabeça.

— De qualquer forma, procure fazer alguma coisa por ele. Perder a esposa daquela maneira deve ter sido... terrível.

— De que maneira? — perguntei. — Quando isto se deu, eu não estava aqui. Li qualquer coisa a respeito do caso, mas...

— Pois... morreu de anemia perniciosa, segundo disseram. Mas Hess soube que, na realidade, os médicos não sabiam de que tinham morrido. Começou a enfraquecer-se cada vez mais, até que morreu.

Balancei a cabeça, dei um rápido beijo em Jean e entrei. Acabava de ver Hess Deming passando com um copo na mão.

Ao bater-lhe no ombro, voltou-se e cumprimentou-me:

— Alô, Mart!

Conquanto fosse um homem que soubesse dominar o álcool, notei, pelo avermelhado de seus olhos, que estava a ponto de se esborrachar no chão. Era um rapaz atraente, bem constituído, com traços vigorosos, olhos azuis, boca grande e geralmente sorridente. Mas agora não sorria e seu rosto estava molhado de suor.

— Sabe o que aconteceu com Sandra? — perguntou.

— Sim — eu disse. — Sinto-o muito, Hess.

Bebeu do copo que tinha na mão e, com uma careta de desgosto, secou os lábios.

— Estou bêbado, Mart — confessou-me. — Tinha que beber, foram horríveis os dois últimos dias. Tenho de queimá-la.

Nada disse.

— Queimá-la! Oh!, meu Deus, Mart! Converter em cinzas aquele lindo corpo. E terei que presenciar. Fez-me prometer que assistiria ao ato a fim de me certificar de que, de fato, a queimaram.

— A incineração é um fim limpo, Hess — disse. — E Sandra era uma moça pura e uma grande artista.

Aproximou seu rosto vermelho do meu.

— Sim, mas tenho de queimá-la. Isso vai me matar. Mart! Meu Deus!

Largou o copo vazio sobre uma mesa e olhou em redor.

Tenho indagado a mim por que Sandra insistiu tanto na incineração. Numa de suas entrevistas declarou que tinha medo do fogo. A maioria das declarações das estrelas são pura fantasia, mas eu tinha motivos para crer que o medo de Sandra pelo fogo era verdadeiro. Uma vez no estúdio, a vi desatar em gritos histéricos quando um artista acendeu o cachimbo perto demais dela.

— Perdo-me, Mart — disse Hess. — Preciso de outro gole.

— Um momento — respondi, contendo-o. — Tem que se dominar. Já bebeu demais.

— Mas o coração continua me doendo. Talvez com um pouco mais não doerá tanto.

Mas não saiu dali. Em vez disso ficou me olhando vagamente.

— Limpo — disse. — Também ela disse isto, Mart. Disse que ser queimada era um final muito puro. Mas não posso suportar

a idéia de que seu corpo seja devorado pelas chamas! Acabo louco! Seja bom, e me traga um copo de qualquer coisa.

— Espere-me — disse. — Vou lhe trazer do que precisa. — E não acrescentei que do que precisava teria muita água. Deixou-se cair numa poltrona, resmungando o agradecimento. Enquanto me afastava me sentia doente. Tinha visto a derrocada de muitos bons artistas para me iludir com os sintomas de Hess. Compreendi que seus dias de glória tinham passado. Os intervalos entre um filme e outro iam se fazendo cada vez mais longos, depois viriam as apresentações ao público, em pessoa, e, por fim, filmes que não seriam estreados nos grandes cinemas. E, no fim de tudo, talvez a notícia de um homem encontrado morto em algum quatinho miserável.

Tinha-se formado um grupo em volta do bar. Alguém disse:

— Aí está Mart. Eh! Venha ver o morcego.

Naquele instante experimentei violenta emoção. Vi Jack Hardy, o dono da casa, o diretor com quem havia trabalhado mais duma vez. Estava como um cadáver. Em outras ocasiões já o vira bastante mal, mas nunca como nesse momento. Parecia agüentar-se graças apenas aos seus nervos. Seu corpo não tinha mais uma gota de sangue.

Quando nos vimos pela última vez, estava alto, forte, quase um lutador. Agora seu aspecto era dum esqueleto apenas coberto pela pele. Seu rosto tinha se transformado numa rede de rugas. Grandes bolsas se haviam formado sob os olhos, que já não brilhavam como dantes. Um lenço preto cobria-lhe o pescoço.

— O que foi feito de você, Jack? — exclamei.

— Nada — respondeu secamente. — Estou bem. Apresento-lhe o cavalheiro Futaine. Aqui, Mart Prescott.

— Chame-me Pierre — disse uma voz. — Hollywood não é o lugar mais indicado para títulos. Mart Prescott, o prazer é todo meu.

E assim me vi dante do cavalheiro Pierre Futaine.

Apertamo-nos as mãos. Minha primeira impressão foi dum frio de gelo e duma repugnante sensação de secura na pele. Larguei aquela mão depressa demais para ser cortês. O francês teve um sorriso para mim.

Era um simpático. Era isso, pelo menos, o que parecia.

Magro, de estatura abaixo da média, seu rosto era incoerentemente infantil. Penteava o cabelo louro colado à cabeça, e observei que seus maxilares estavam ligeiramente avermelhados. Era uma maquilagem muito hábil, mas eu conhecia bem as maquilagens para me deixar enganar. E por baixo do corado percebi uma estranha e mortal palidez que escapara ao disfarce. Talvez alguma doença tivesse branqueado sua pele, mas seus lábios estavam artificialmente avermelhados. Eram realmente vermelhos como o sangue.

Estava vestido a rigor e trazia uma casaca impecável. Seus olhos pareciam duas manchas pretas de tinta.

— Encantado em conhecê-lo — disse eu. — O senhor é o morcego, não?

Sorriu.

— Isso é o que dizem. Mas todos nós servimos ao misterioso deus da publicidade, não acha, senhor Prescott? Ou prefere que o chame de Mart?

— Chame-me de Mart — respondi, olhando-o.

Notei que seu olhar me abandonava, indo além de mim mesmo, e uma expressão extraordinária apareceu em seu rosto... Uma expressão de assombro, de incredulidade, mas que logo desapareceu.

Voltei-me. Jean se aproximava. Quando chegou ao meu lado, perguntou:

— É este o cavalheiro?

Pierre Futaine a olhava com os lábios entreabertos. Quase imperceptivelmente murmurou:

— Sônia.

E depois, num tom interrogativo:

— Sônia?

Apreseitei-lhe Jean, que disse:

— Não me chamo Sônia.

O cavalheiro meneou a cabeça. Nos seus olhos negros brotou uma expressão estranha.

— Certa vez conheci uma moça parecida com a senhorita — falou suavemente. — É uma semelhança extraordinária. É curioso isso.

— Com sua licença — interrompi.

Jack Hardy saía do bar. Rapidamente o segui.

Alcancei-o quando saía do terraço. Largou uma imprecação e voltou-se. Seu rosto era uma máscara de morte.

— Que diabo está lhe acontecendo? — perguntei. Ouça, Jack, você não pode me enganar. Sabe que o ajudei muitas vezes. Deixe que o ajude agora também.

Seu rosto torturado tomou expressão mais suave. Tirou minha mão de seu ombro e nas suas notei o mesmo frio de gelo que sentira na do cavalheiro Futaine.

— Não — disse. — É inútil. Não pode fazer nada por mim. Estou perfeitamente bem. Um pouco cansado, nada mais. Em Paris levei uma vida agitada demais.

Estava, pois, diante duma barreira intransponível. De repente, sem saber por quê, um pensamento me assaltou e saiu por meus lábios antes que tivesse tempo de refletir sobre ele.

— Que tem você no pescoço?

Não me respondeu. Sacudiu a cabeça, franziu as sobrancelhas, depois de um momento esclareceu:

— Uma afecção na garganta. Apanhei-a no navio.

E com a mão tocou no lenço preto.

Por trás de nós se fez ouvir um gemido seco, áspero, que nada tinha de humano. Virei-me. Era Hess Deming. Cambaleava pela galeria e tinha os olhos injetados de sangue. Um pouco de saliva escorria-lhe pelo queixo.

Com acento inexpressivo, mas horrível, disse:

— Sandra morreu duma afecção na garganta.

Jack não respondeu, mas deu um passo atrás. Hesse continuou:

— Ficou muito pálida e morreu. E o médico não soube dizer que doença a tinha vitimado, conquanto tenha escrito no atestado de óbito: “anemia”. Será que você trouxe consigo alguma praga terrível, Hardy? Se tiver trazido, eu o matarei.

— Um momento! — disse eu. — Uma afecção na garganta? Não sabia...

— Na sua garganta se viam feridas muito pequenas e muito

juntas. Isso não a podia ter vitimado, a não ser que alguma maldita infecção...

— Você está louco, Hess — voltei eu a falar. — Você sabe que está bêbado. Jack nada pode ter com isso.

Hess não me olhou. Fixara seus olhos injetados de sangue em Jack Hardy. Com seu monótono e fúnebre acento, continuou:

— Pode jurar que Mart diz a verdade, Hardy?

Os lábios de Jack se contraíram em razão de alguma angústia interna. Eu me antecipei:

— Vamos, Jack, diga que ele está enganado.

Hardy exclamou:

— Desde que voltei nunca me aproximei de sua mulher. Não...

— Esta não é a resposta de quero — replicou Hess.

E avançou sobre o diretor, mas estava bêbado demais e Jack demasiadamente fraco para que se pudessem machucar. De qualquer maneira, porém, verificou-se um pugilato desagradável antes que pudesse separá-los. Quando o consegui, por fim, a mão de Hess pegou o lenço de Hardy e o arrancou do pescoço.

E vi as marcas no pescoço de Jack Hardy. Duas feridas profundas e vermelhas, aureoladas de branco, quase junto à veia jugular.

CAPÍTULO II

A INCINERAÇÃO DE SANDRA



No dia seguinte, Jean me telefonou.

— Mart — disse —, esta noite vamos ter uma cena para “Seda vermelha”, no *set* número seis. Você foi designado como assistente do diretor, de maneira que deve estar lá. Pensei... que talvez Jack não lhe avisasse. Ultimamente se vem portanto de maneira muito estranha.

— Obrigado, querida. Lá estarei, mas não sabia que contavam comigo.

— Nem eu. Foi coisa de alguém de influência. Alguém que deseja que eu trabalhe no filme. Pensou que foi o cavalheiro. O patrão me telefonou esta manhã para me dar a notícia. Mas não fiquei tão contente como poderia ter ficado. Passei muito mal à noite.

— Sinto-o muito. Quando nos separamos você estava bem.

— Tive um pesadelo horrível, conquanto seja curioso que não me lembre de que se tratava. Bem, estará no estúdio?

Prometi que sim, mas as coisas correram de tal maneira que não pude cumprir minha promessa. Deming me telefonou pedindo-me par ir à sua casa de Malibu e levá-lo à cidade. Estava por demais transtornado para poder dirigir, além da cremação de Sandra se verificar naquela tarde. Tirei meu carro da garagem e, vinte minutos mais tarde, me encontrava na casa que o artista possuía junto à praia.

O criado, ao me reconhecer, deixou-me entrar, balançando tristemente a cabeça.

— O senhor Deming está muito mal — disse. — Passou toda a manhã bebendo genebra pura.

Lá de cima, Hess gritou:

— É você, Mart? Desço já. Suba um momento, Jim.

O mordomo, depois de me dirigir um olhar significativo, subiu pela escada.

Aproximei-me duma mesa, folheando as revistas que em cima dela se encontravam. Uma rajada de vento entrou pela janela entreaberta, fazendo voar um pedaço de papel. Uma palavra atraiu minha atenção e me fez ler a nota. Era dirigida a Hess, mas, depois de lê-la, não me arrependi de tê-lo feito. Dizia assim:

“Querido Hess,

“Sinto que vou morrer. Quero que faça uma coisa por mim. Sei que tenho andado feito louca, dizendo coisas que na realidade não penso. Não dê ordem para queimar meu cadáver. Sei que mesmo morta continuarei com medo do fogo. Mande enterrar num bonito túmulo... e não me deixe embalsamar. Quando encontrar este bilhete já estarei mortaaa, mas sei que você fará o que desejo.

“Viva ou morta, lhe amarei sempre.

Sandra”

Era estranho, um bilhete de Sandra Colter, a esposa de Hess. Perguntei a mim mesmo se Hess já o teria visto.

Nas minhas costas ouvi um suspiro. Era Jim, o criado.

— Encontrei esta nota ontem à noite, senhor Prescott. O senhor Hess ainda não a viu. É a letra da senhora Colter.

Hesitou. Li em seus olhos medo... medo profundo. Com um de seus bronzeados dedos apontou a nota.

— Vê isto, senhor Prescott?

Apontava uma mancha de tinta que quase borrava a assinatura.

— Isto o quê? — perguntei.

— Fui eu quem o fez, senhor Prescott. Quando apanhei a nota. A tinta ainda não estava seca.

Olhei-o firmemente. Virou-se rapidamente ao ouvir os passos de seu patrão. Hess Deming descia, cambaleante, pela escada.

Penso que foi então que, pela primeira vez, me dei conta da terrível verdade. Mas não acreditei nela. Era por demais fantástica, por demais incrível, porém alguma coisa introduziu-se no meu cérebro, pois o que fez não tem outra explicação.

— Que tem aí, Mart? — perguntou-me Hess.

— Nada — respondi, amarrotando o bilhete e guardando-no no bolso. — Nada de importante. Está pronto para irmos?

Disse que sim e nos dirigimos para a porta. Jim nos olhava com profundo alívio.

O forno crematório era em Pasadena, e aí deixei Hess. Teria ficado com ele se mo tivesse pedido. Percebi que não queria ninguém consigo enquanto assistisse à incineração do cadáver de Sandra. Compreendi que, para ele, assim, seria menos duro o transe.

Um eixo do meu carro se partiu. A chuva encharcou de tal maneira a estrada, que por um milagre o carro não capotou. Depois disso tive que andar a pé várias milhas até o telefone mais próximo. Em seguida, perdi mais tempo ainda esperando um táxi para tomar. Eram quase oito horas da noite quando cheguei ao estúdio.

O porteiro me deixou entrar e corri para o *set* número 6. Estava às escuras. Praguejando em voz baixa recuei e estive a ponto de esbarrar numa pequena criatura. Era Forrest, um dos fotógrafos. Deu um ligeiro grito e exclamou:

— É você, Mart? Olhe, quer me fazer um favor? Quero que me veja umas provas.

— Não tenho tempo — respondi. — Você viu Jean por aí?

— É justamente sobre isso — replicou Forrest.

Ele era um anal com cara e aspecto geral de macaco, mas, apesar disto, um dos melhores fotógrafos de cinema da “Summit”.

— Jean, Hardy e o cavalheiro já se foram — continuou informando. — Nesse tipo há qualquer coisa de pouco comum.

— Acha? Bem, telefonarei a Jean. Amanhã verei suas provas.

— Não está em casa. O Cavalheiro levou-a ao “Grave”. Olhe, Mart, tome muito cuidado. Ou eu não sei como se maneja uma câmera, ou francês é o bicho mais perigoso que tenho fotografado.

Venha comigo à sala de projeção. Tenho a película pronta. Eu mesmo a revelei.

— Está bem — disse eu, rindo e seguindo Forrest.

Sentei numa das poltronas e fiquei ouvindo o fotógrafo andando lá dentro da cabine das câmeras. Falando pelo amplificador, disse:

— Hardy não queria que se fizesse filmagem alguma, tendo insistido muito nisso. Mas o patrão ordenou que se deixasse funcionando uma das câmeras automáticas. Não para captar o som, porém para ver como seria o francês no filme. Felizmente não se tratava duma daquelas barulhentas máquinas antigas, pois que então Hardy teria descoberto. Aí vai, Mart.

Ouvi um ruído e o amplificador foi desligado. Um jato de luz branca se projetou na tela. Desapareceu e deu lugar a uma projeção do interior do set número seis, decorado por uma divertida mistura de móveis Rainha Vitória e poltronas de tubos de metal cromado. Jack Hardy passou pelo raio de ação da máquina. Junto dele se via Jean, vestida com um costume, mas não daqueles que se empregam para as provas. E por trás dela...

Pestanejei, certo de que meus olhos me enganavam. Alguma coisa parecida com uma névoa brilhante, ovalada, do tamanho de um homem, se movimentava pela cena. Sabem aquela auréola de luz que aparece quando um refletor é focalizado na máquina de projeção? Bem, pois era semelhante, somente que não se podia adivinhar de onde provinha. E o mais estranho é que se movia da mesma maneira e com a mesma rapidez que um homem caminhando.

O amplificador foi novamente ligado e Forrest disse:

— Quando vi isso no negativo pensei que era defeito da película. Assisti à filmagem da cena e não havia luz nenhuma que pudesse produzir semelhante efeito. Olhe...

O oval luminoso estava imóvel junto de Jean, enquanto a moça o olhava fixamente e com um sorriso nos lábios.

— Mart, quando esta cena foi filmada, Jean falava com o francês.

Com a voz um tanto transtornada, pedi:

— Pare a projeção, Forrest.

As figuras reduziram seu movimentos e ficaram finalmente imóveis. O perfil esquerdo de Jean estava voltado para a câmera. Inclinei-me para adiante a fim de examinar algo que tinha observado. Era apenas uma minúscula e desbotada marca no pescoço de minha noiva. Mas não havia a menor dúvida de que era exatamente como a ferida que, na noite anterior, observara no pescoço de Jack Hardy.

Novamente ouvi o ruído do amplificador. De repente se sucedera na tela uma série de relâmpagos brancos e, por fim, sobreveio a escuridão.

Aguardei um momento, porém mais nenhum som veio da cabine.

— Forrest” — chamei. — Vai tudo bem?

Ninguém me respondeu. O ligeiro zumbido do projetor tinha desaparecido. Levantei-me, rápido, e me dirigi para a parte traseira da sala de projeção. Na cabine se podia subir por dois lugares. Pela escada da direita e por uma escadinha de aço que dava para um buraco no chão da cabine de projeção. Era um caminho mais rápido e por esse eu fui a toda pressa, levado por uma profunda inquietação.

Forrest lá estava, porém sem vida. Estava caído de costas, com os olhos virados fixos na câmera e a cabeça torcida num ângulo impossível. Era evidente que tinha sido degolado rapidamente.

Olhei ligeiramente o aparelho projetor. A lata de filme tinha desaparecido. E a porta que dava para a escada estava fechada.

Voltei à escada, certo de não encontrar ninguém. De fato estava completamente deserta.

Ouvi ruídos de passos precipitados. Vi chegar um homem correndo. Nele reconheci um dos empregados da seção de publicidade. Chamei-o.

— Não posso perder tempo — respondeu-me.

Mas, apesar disso, reduziu sua carreira.

— Não viu ninguém por aí? — perguntei. — O Cavaleiro Futaine?

Fez um sinal negativo com a cabeça.

— Não, mas... — seu rosto estava duma palidez mortal. — Hess Deming ficou louco. Tenho que me pôr em comunicação com os jornais.

O espanto me gelou. Desci correndo a escada e o agarrei pelo braço.

— Que está dizendo? — perguntei. — Hess estava perfeitamente bem quando o deixei. Um pouco transtornado, mais nada.

O homem da seção de publicidade tinha o rosto alagado de suor.

— É horrível! Ainda não sei certamente o que aconteceu. Sua mulher, Sandra Colter, ressuscitou quando a estavam incinerando. Viram-na através da janela que dá para o forno crematório. E a infeliz bateu com os punhos no vidro da janela até que o fogo a devorou. Quando conseguiram abrir o forno, já era tarde demais. Hess ficou completamente louco. Tenho que encontrar um telefone, senhor Prescott.

Afastou-se na direção dos escritórios da administração.

Meti a mão no bolso e tirei um papel. Era o bilhete que tinha encontrado na casa de Hess, as palavras dansaram diante de meus olhos. Repetia-me sem cessar:

— Não pode ser! Essas coisas não podem estar acontecendo!

Não me referia à terrível ressurreição de Sandra Colter no forno crematório. Isso podia se explicar facilmente. Mas unindo o acontecimento com vários outros, chegava-se a uma conclusão definida... E era uma conclusão que nem me atrevia a imaginar.

Que dissera o pobre Forrest? Que o Cavaleiro Futaine levara Jean ao “Coconut Grave”? Bem...

O táxi continuava esperando. Subi novamente nele.

— Ao Ambassadeur — disse para o motorista. — Vinte dólares se conseguir, no caminho, não parar numa só luz vermelha!

CAPÍTULO III



O ATAÚDE PRÊTO

Durante a noite inteira rebusquei Hollywood dum lado para outro... sem resultado algum. Nem o cavalheiro Futaine nem Jean tinham estado no “Grove”. E ninguém sabia o endereço do francês. Uma chamada telefônica o estúdio, onde entre o ataque de loucura de Hess Deming e a morte de Forrest todo mundo andava feito maluco, nada me esclareceu. Fui inutilmente a todos os cenários de vida noturna da Meca do cinema. O “Trocadero”, o “Sardi”, os três “Brown Derby”, as elegantes rodas sociais de Sunnset. Em nenhum lugar pude descobrir o menor rasto. Pelo menos doze vezes telefonei a Hardy sem obter resposta. Finalmente, num clube particular de Culver City, minha sorte melhorou.

— O senhor Hardy está lá em cima — me informou o proprietário, com inquietação evidente. — Espero que não tenha acontecido nada de mau, senhor Prescott. Já soube o que houve com o senhor Demming?

— Nada — respondi. — Leve-me aonde está Hardy.

— Está dormindo — explicou o homem. — Bebeu muito e eu o levei lá para cima, onde estava mais seguro...

— Não é a primeira vez, é? — disse com fingida indiferença.
— Subamos com um pouco de café bem forte. Tenho de falar com ele.

Mas meia hora se passou antes que Hardy estivesse em condições de entender o que eu lhe dizia. Por fim se sentou no sofá onde até então estava deitado, piscou e começou a perceber as coisas.

— Prescott, não pode me deixar só? — pediu.

Abaixei-me sobre ele e murmurei, com toda clareza e articulando cuidadosamente as palavras:

— Sei o que é o cavalheiro Futaine.

E esperei a terrível e inaudita confirmação de meu pensamento, ou as palavras que me convenceriam de que tinha ficado louco.

Hardy me olhou sombriamente e sussurrou:

— Como soube?

Um gelado estremecimento percorreu meu corpo. Até então, e apesar das múltiplas provas que possuía, não acreditara na realidade daquilo. Mas agora Hardy confirmava minhas absurdas suspeitas.

Não respondi a sua pergunta e, por minha vez, indaguei:

— Sabe do caso de Hess?

Disse que sim, e uma expressão de terrível angústia ensombrou seu rosto. Quase tive pena dele. Mas a lembrança de Jean me fortaleceu.

— Sabe onde está agora?

— Não. De que está falando, Mart? Está maluco?

Olhou-me como um cachorro açoitado

Continuei firmemente:

— Há de me dizer a verdade, não? Como lhe fizeram essas marcas no pescoço? Como veio a conhecer essa... criatura? E onde levou Jean?

— Jean! — exclamou olhando-me verdadeiramente assombrado. — Está com ela? Não sabia, Mart. Juro-lhe que não

sabia. Você... Você tem sido um bom amigo meu e... lhe direi a verdade. Para seu bem e para o de Jean, conquanto agora já seja tarde demais.

Um movimento involuntário que fiz fê-lo olhar-me. Depois continuou:

— Conheci-o em Paris. Eu estava à procura de novas sensações, mas não esperava encontrar nada semelhante àquilo. Um clube de satanistas, de adoradores do demônio. Como sempre: decorações e cenários. Mas foi lá que o... encontrei. Quando quer, sabe ser um homem fascinante. Levou-me com ele e me fez falar de Hollywood, das mulheres que tínhamos aqui. Talvez eu tenha falado demais. Perguntou-me coisas a respeito das estrelas, se eram realmente tão belas como pareciam. Seus olhos, enquanto me escutava, tinham uma expressão de fome insaciável. Depois, uma noite, tive um pesadelo terrível. Um bicho preto e monstruoso entrou pela janela de meu quarto e me atacou... na garganta. Depois disso... fiquei em suas mãos. Contou-me a verdade. Converteu-me em seu escravo e nada mais pude fazer. Seus poderes não são humanos.

Molhei meus lábios ressequidos. Hardy prosseguiu:

— Fez que o trouxesse para cá, que o apresentasse como uma descoberta pra tomar parte em “Sede Vermelha”, filme de que antes lhe tinha falado. Fez que eu afastasse os fotógrafos, garantindo-se ainda em não ter máquinas fotográficas nem espelhos ao redor de si. E como prêmio... me deixou viver.

Sei que devia sentir desprezo por Hardy, escravo de semelhante ser diabólico. Mas não pude.

— Que é feito de Jean? — perguntei lentamente. — Onde vive o cavaleiro?

— Nada você pode fazer, Mart — respondeu. — No fundo da casa há um subterrâneo. Lá repousa durante o dia. Só pode ser aberto com uma chave que leva sempre consigo. Fez construir uma porta para ele, e de tal maneira que só pode ser aberta com a chave. Garantiu-me que nem sequer a dinamite pode fazer nada contra ela.

— Estas coisas podem ser destruídas — disse.

— Não é tão fácil. Sandra Colter foi sua vítima. Depois da

morte ela se converteu também num morcego, dormindo de dia e vivendo somente de noite. O fogo a destruiu, mas não há meio de chegar até Futaine.

— Não estava pensando no fogo — disse. — Uma faca...

— No coração — interrompeu-me Hardy. — Sim, e logo em seguida decaptá-lo. Já pensei nisso, mas não posso fazer nada. Sou seu escravo.

Não respondi, toquei a campainha e o dono do clube apareceu.

— Pode me arranjar uma faca de cortar carne? — pedi, separando as mãos para indicar o tamanho aproximado da lâmina. — Assim. Melhor ainda se for bem afiada.

Acostumado aos mais estranhos pedidos, o proprietário do estabelecimento disse que sim.

— Logo trarei, senhor Prescott.

Quando saí atrás do proprietário, Hardy me disse, francamente:

— Boa sorte, Mart.

— Obrigado — respondi. — Não o critico pelo que você fez. No seu lugar me teria acontecido o mesmo.

Deixei-o ali derreado no sofá, olhando com a expressão de quem já deve ter podido ver abismos infernais.

Fazia pouco que tinha amanhecido quando saí de Culver City, levando em lugar seguro uma longa faca de lâmina afiada. Um telefonema me informou que Jean não voltara à sua casa. Levei mais duma hora para achar certo homem de quem precisava! Um rapaz que tinha trabalhado para o estúdio. Raras eram as fechaduras que ele que ele não pudesse abrir, tal como a polícia se vira obrigada a reconhecer em várias ocasiões.

Chamava-se Axel Ferguson, era um nutrido e amável sueco, cujos enormes dedos pareciam mais adequados para manejar uma enxada do que parecia manipular o mecanismo de fechaduras. Apesar disso era tão hábil quanto Houdini, e houve mesmo um tempo que apareceu nos teatros como mágico e ilusionista.

A porta principal da isolada residência de Futaine não foi nenhum obstáculo para Ferguson. A casa, uma moderna construção

dum só pavimento, parecia deserta. Mas Hardy se referira ao subterrâneo da vivenda.

Descemos aos subterrâneos, mas ao cabo de alguns segundos nos vimos por uma espécie de muro de aço azulado. A superfície da porta no mesmo era inteiramente lisa, exceto no lugar onde aparecia uma pequena fechadura.

Ferguson se pôs a trabalhar. No princípio fungava, mas depois dum momento continuou trabalhando em silêncio. O suor começou a brilhar na sua testa. Enquanto esperava fui tomado por um tremor nervoso.

A luz da lanterna elétrica que Ferguson tinha junto a si começou a empalidecer. Substituiu a pilha e depois tirou de sua maleta um estranho aparelho. Pôs uns óculos escuros e deu outros para mim. Uma chama azul e intensamente brilhante começou a atacar a porta.

Foi inútil. Depois dum momento o maçarico foi posto de lado e Ferguson voltou às suas ferramentas. Utilizou um estetoscópio dispensando o maior cuidado no movimento dos dedos.

Era fascinador observá-lo. Mas eu via que noite ia se aproximando. O sol havia de ocultar dum momento para outro, e a vida dum morcego dura desde o pôr do sol até o amanhecer.

Por fim Ferguson se rendeu:

— Não posso — disse, arfando como depois duma corrida.
— E se eu não pude, ninguém poderá. Nem mesmo Houdini a teria aberto. A única coisa que pode abrir esta porta é sua própria chave.

— Está bem, Axel — disse. — Aqui está o dinheiro.

Hesitou, observando-me.

— O senhor pensa ficar aqui, senhor Prescott?

— Sim, não lhe será difícil sair. Eu vou esperar ainda um pouco.

— Bem, lhe deixarei a lanterna. Me devolverá quando possa.

Esperou, e como eu não me mexesse, afastou-se, meneando a cabeça.

Depois um profundo silêncio me envolveu. Peguei a faca e, empunhando-a fortemente, me dispus a esperar.

Ao cabo de meia hora a porta começou a se abrir. Preparou-

me. Através da fresta vi um aposento de paredes, teto e chão de aço, completamente vazio, exceto uma coisa comprida e preta no chão. Era um ataúde.

E a porta se abriu completamente. Dentro do meu campo visual apareceu uma silhueta branca e esbelta. Era Jean, vestida de branco. Tinha o olhar fixo, os olhos abertos ao extremo. Parecia uma sonâmbula.

Atrás dela vinha um homem bem vestido com uma casaca impecável. Nem um fio de cabelo de sua cabeça loura estava fora do lugar, e enquanto saía do aposento enxugava os lábios com um lenço. E onde este tocava os lábios se via uma mancha de sangue.

CAPÍTULO IV



Jean passou por mim como se eu não existisse. Mas o cavalheiro Futaine se deteve, arqueando as sobrancelhas. Seus profundos olhos negros me penetraram.

O cabo da faca me ardia na mão. Coloquei-me de maneira a cortar a passagem de Futaine. Nas minhas costas ouvi um ranger de sedas e, com o rabo de olho, vi que Jean estacava, hesitante.

O cavalheiro me olhou, brincando com seu lenço.

— Mart — disse lentamente —, Mart Prescott.

E seus olhos se cravaram na minha faca, enquanto um leve sorriso contraiu seus lábios.

— Já sabe para que vim, não é? — disse eu.

— Sim — respondeu-me. — Já o tinha escutado. Mas isso não me alterou. Só uma coisa pode abrir esta porta.

E tirou do bolso uma chave brilhante de aço.

— Só isto — confirmou, guardando de novo a chave. — Sua faca não serve de nada, Mart Prescott.

— Talvez — respondi, dando um passo à frente. — Que fez você de Jean?

Uma curiosa expressão, quase de dor, cintilou em seus olhos.

— Ela é minha! — exclamou irritado. — Você não a pode levar porque...

Naquele momento avancei sobre ele ou, pelo menos, tratei de fazê-lo.

A faca desceu sobre a camisa branca de Futaine. Mas uma força invencível a deteve na metade do caminho. Enquanto isso o francês não se mexera. Em seguida e de repente seus olhos se cravaram nos meus. E me pareceu receber uma terrível descarga de força que me reduziu à impotência. Fiquei imóvel. Sentia um incessante martelar nas fronteiras enquanto tratava de me mexer para enterrar a faca no cavaleiro. Mas era inútil. Estava tão imóvel quanto uma estátua.

O cavaleiro passou junto a mim, roçando-me.

— Siga-me — disse quase com indiferença.

E como um autômato fui atrás dele. Que terrível poder hipnótico era aquele que me impedia de fazer o menor movimento?

Futaine subiu pela escada. Conquanto o Sol já tivesse desaparecido, ainda não era noite. Segui o estrangeiro até um quarto e, a um gesto seu, me deixei cair numa cadeira. Junto de mim se encontrava uma mesinha. O cavaleiro tocou suavemente no meu braço direito e uma espécie de descarga elétrica me fez estremecer. Caiu a faca em cima da mesinha.

Jean continuava imóvel a pouca distância de nós dois. Seus olhos estavam sem brilho e sem expressão. Futaine se aproximou dela e lhe passou um braço pela cintura. Pareceu-me que tinha a boca cheia de barro. Mas, duma forma ou de outra, e não sei como, consegui articular algumas palavras.

— Maldito Futaine! Largue-a!

Soltou-a e se aproximou de mim. Seu rosto estava escurecido pela raiva.

— Louco! Poderia matá-lo facilmente! Poderia lhe fazer ir ao lugar de maior movimento de Hollywood e aí obrigá-lo a se estrangular com a faca que você trouxe. Tenho poder suficiente para isso. Aparentemente descobriu muito a meu respeito. Portanto já sabe quais são as minhas forças.

— Sim — respondi fracamente. — Já sei. Jean é minha.

— Não é sua! — gritou como uma fera! — Não é Jean. É Sônia.

Lembrei-me do que Futaine tinha murmurado ao ver Jean pela primeira vez. Ele leu nos olhos meu pensamento.

— Conheci Sônia há muito tempo, muito tempo mesmo. Mataram-na... Meteram-lhe uma estaca no coração, em Thurn. Agora, que encontrei esta moça, que pode ser uma reencarnação de Sônia, não estou disposto a deixar que ma tirem. Ninguém me poderá obrigar a isso.

— Converteu-a num demônio como você — disse eu. — Teria sido melhor matá-la...

Futaine virou-se para olhar Jean.

— Ainda não — disse suavemente. — É minha... sim. Traz o estigma. Mas ainda está viva. Não se transformará num... morcego... senão quando tiver morrido por falta de sangue ou até que haja provado do licor vermelho. Esta noite o provará.

Amaldiçoei-o com todas as minhas forças. Então o francês tocou os meus lábios com as mãos e eu não pude dizer mais sequer uma palavra. Depois sua mão e Jean me deixaram. Ouvi a porta se fechar suavemente.

A noite passou lentamente. Meus esforços inúteis me tinham convencido da inutilidade de tentar fugir. Nem sequer podia forçar uma palavra através de meus lábios. Mais uma vez me senti à beira da loucura, pensando em Jean e me lembrando das ameaçadoras palavras de Futaine. Foi tão grande minha angústia que meu corpo, não podendo resitir mais, afundou num profundo estado de coma, cuja duração não pude calcular. Sei que muitas horas se passaram antes de meu despertar com o ruído de passos na direção de meu cárcere.

Jean entrou no quarto. Examinei atentamente seu rosto, procurando algum sinal da terrível metamorfose. Mas nada encontrei. Sua beleza continuava a mesma de sempre. Só se notavam a mais as terríveis feridas na garganta. Dirigiu-se para uma poltrona e, com os olhos fechados, nela se sentou.

O cavalheiro passou por mim e foi para junto de Jean. Ficou olhando-a por longo tempo. Já mencionei anteriormente a

juventude incoerente de seu rosto. Tinha desaparecido. Agora parecia um velho, incrivelmente velho.

Encolheu por fim os ombros e se virou. Seus dedos tocaram meus lábios e de novo pude falar. A vida voltou às minhas veias, produzindo terríveis e dolorosas picadas. Tratei de mexer um braço. A paralisia, de fato, tinha desaparecido.

O cavalheiro murmurou:

— Ainda está pura. Não pude fazer.

O assombro me dominou. A incredulidade quase me pôs os olhos fora das órbitas.

Futaine sorriu tristemente.

— É verdade. Poderia tê-la transformado no que sou: um homem não morto. Mas no momento final eu a perdoei.

Olhou para a janela e continuou:

— Daqui a pouco será dia.

Deitei uma olhadela para a faca que estava sobre a escrivaninha. O cavalheiro afastou-a com a mão.

— Espere — disse. — Tenho que lhe dizer uma coisa, Mart Prescott. Você disse que sabe quem sou e o que sou.

Concordei.

— Mas apesar disso não pode saber — continuou. — Adivinhou alguma coisa e outro tanto imaginou, mas nunca poderá me conhecer. Você é humano e eu sou... o homem não morto. Tenho vários séculos de existência, ou seja, desde que fui vítima de outro morcego, porque é assim que o mal se propaga. Imortal e sem estar vivo, levando por toda parte o terror e a angústia, dominado pelo martírio de Tântalo, tenho vivido século após século. Conheci Ricardo, Henrique e Isabel da Inglaterra. E sempre levei comigo, durante a noite, o horror e a destruição. Por isso sou um ser diferente de todos. Sou o não morto.

A voz continuou serena, mantendo-se imóvel com seu terrível feitiço.

— Eu, o morcego. Eu, o maldito, o demônio fulgurante, *negotium perambulas in tenebris*... Mas não foi assim sempre. Há muito tempo, em Thurn, antes que a sombra caísse sobre mim, amei uma jovem... Sônia. Mas um morcego me avistou, adoeci,

morri... e ressuscitei. Depois me levantei. A maldição dos não mortos é ferir aqueles a quem amam. Visitei Sônia e a fiz minha. Ela também morreu, e durante algum tempo vamos juntos pela Terra. Nem vivos, nem mortos. Mas aquela não era Sônia. Era seu corpo, porém eu não tinha amado apenas seu corpo. Tarde demais percebi que a havia destruído completamente. Um dia abriram seu túmulo e o vigário lhe afundou uma estaca no coração, concedendo-lhe, assim, repouso eterno. Não me puderam encontrar porque meu caixão estava muito bem escondido. Desde então esqueci o amor, pois percebi que para os como eu não pode existir esse sentimento. E a esperança renasceu em mim no dia que encontrei Jean. Já se passaram centenas de anos desde que Sônia ficou livre, mas pensei tê-la encontrado de novo. E me apoderei dela. Nada no mundo poderia me impedir.

As pálpebras do cavalheiro tremeram. Parecia infinitamente velho.

— Ninguém no mundo... Ao pensar nisso, por fim, compreendi que não podia condená-la ao inferno em que vivo. Pensei ter esquecido o amor. Mas há tempo, há muito tempo, amei Sônia. E por ela, uma vez que só podia destruir, como já antes fizera, não exerci meu poder sobre esta moça.

Voltei-me e olhei a figura imóvel na poltrona. O cavalheiro seguiu meu olhar.

— Sim, tem o estigma. Morrerá, a menos que eu morra. Se ontem você tivesse entrado na minha sepultura, tivesse afundado no meu coração essa faca e depois me tivesse decaptado, ela estaria livre. — E de novo olhou para a janela. — Daqui a pouco virá o Sol.

Depois, aproximou-se rapidamente de Jean e a observou um momento.

— É muito bonita... bonita demais para o inferno.

O cavalheiro voltou-se e se dirigiu para a porta. Ao passar por mim se deteve um instante e atirou alguma coisa em cima da mesa. Ao chegar na entrada do quarto estacou, ainda, e um triste sorriso apareceu em seus lábios vermelhos. Enquanto viver não poderei esquecê-lo: imóvel, teso, sem medo nos olhos. Levantou

uma mão e, com um gesto que poderia ser teatral mas que não era, murmurou:

— Adeus. O que vai morrer...

Não acabou. Na cinzenta luz do amanhecer o vi afastar-se. Ouvi seus passos na escada, cada vez mais distantes, e por fim o ruído da porta de aço se fechando. Toda a paralisia me tinha abandonado. Tremia ligeiramente porque sabia o que dentro em pouco teria de fazer. Mas também sabia do que não devia, não podia falar.

Olhei para mesa. Antes de ver o que lá estava, junto da faca, sabia o que era: uma pequena chave brilhante de aço...



AUGUST W. DERLETH



O SÓTÃO DOS VAMPIROS

A seguinte carta foi encontrada entre os papéis do cadáver de Sir Harry Everett Barclay, de Charing Cross, Londres.

10 de junho de 1925

“Meu caro Marc:

*“Suponho que o não ter recebido resposta ao meu cartão postal será devido a que não tenha chegado às tuas mãos. Escrevo-te da minha casa de verão, atualmente lugar pouco visitado. Tenho a esperança de que me dê a agradável surpresa da tua visita (como dissesse poderias fazer), pois esta é a espécie de casa que te intrigaria. É muito parecida à que Sir Arthur Conan Doyle descreve em **O Cão dos Baskervilles**. Correm rumores de que a casa é habitada pelos espíritos. Eu não creio. Já sabes que o mundo dos espíritos me interessa muito pouco e, em compensação, me entusiasma a magia. O pensamento de que esta tranqüila morada que se eleva no centro das aprasíveis planícies inglesas seja residência de uma multidão de espíritos malignos me parece uma solene estultícia. Leão, meu criado, está comigo. Também está o velho Mortimer. Lembras-te de Mortimer, e dos saborosos quitutes que nos preparava?*

*“Há doze dias apenas que estou aqui e revistei a casa desde o sótão ao desvão. No primeiro encontrei um velho baú no qual achei nove livros, velhos, alguns dos quais tinham as páginas correspondentes ao título arrancadas. Um desses livros era **Drácula**, de Bram Stoker, e, pelo que pude ver, trata-se de uma das primeiras edições.*

*“No terceiro dia de minha permanência aqui uma névoa tipicamente inglesa caiu sobre a planície. Vi-me, pois, obrigado a ficar em casa e dedicar minha atenção aos tomos descobertos. Um deles, como já disse, era o **Drácula**. Há também um livro de magia negra de De Rochas, outros três de Orfilo, Swedemborg e Cagliostro, que deixei de lado. Depois há **O Inferno**, de Strindberg, **a Doutrina Secreta**, de Blavatsky, o **Eureka**, de Poe, e **A Atmosfera**, de Flamarion. Podes imaginar, meu amigo, a emoção que me produziu o achado dos livros. Como já sabes, Orfilo foi um químico e um fisiólogo; Swedemborg e Strindberg podem ser qualificados como místicos, fascina-me como escritor; porém os restantes cinco livros eram ouro puro para mim. Cagliostro, mago da corte francesa; Madame Blavatsky, a sacerdotisa de Ísis e da Oculta Doutrina; Drácula, com todos os seus vampiros; **A Atmosfera**, de Flamarion, com suas diagnoses dos deuses e dos homens; e De Rochas, de quem nada melhor posso dizer que copiar esta nota do **Inferno**, de Strindberg:*

“Não me desculpo; e só peço ao leitor que perdoe este fato; no caso de que se sinta inclinado a praticar a magia, sobretudo nessas formas que se chamam bruxaria ou, com maior popularidade, feitiçaria: que a sua realidade foi demonstrada sem a menor dúvida por De Rochas.’

“Mais de uma vez me pergunto que espécie de homem viveu aqui antes de minha chegada. A única fonte de informação que temos aqui é um povoado sito a vá-

rias milhas de distância. É estranho que não haja mais casa, pois esta planície é um lugar encantador para o verão. Resolvi ir ao povoado informar-me e parti acompanhado por Leão, deixando na casa Mortimer.

“Leão e eu pudemos esclarecer muito pouco. Depois de falar com o vendeiro, a única pessoa comunicativa que encontramos, soubemos que o último ocupante desta casa foi um baronete Lohrville. Segundo parece, a gente tem medo desse baronete, pois não se atreve a falar dele. O vendeiro nos contou que há uns anos desapareceram quatro garotas. A crença popular é que o baronete as raptou. A gente do povoado chama esta casa a ‘Casa dos Morcegos’. Não vejo o motivo desse nome pois não notei a presença de morcegos por estes arredores.

“Minhas meditações sobre este assunto foram interrompidas por Mortimer, que veio queixar-se dos morcegos que infestam nosso sótão. Estranha coincidência. Diz que quando desce lá, os morcegos lhe tocam o rosto com as asas. Leão e eu descemos ao sótão e não descobrimos nem um só morcego. Sem embargo, Leão me disse que notou o choque de um deles contra a cabeça, coisa que eu não acredito. Com certeza foi o ar.

“Este incidente, Marc, foi o primeiro de uma série de estranhos acontecimentos que vem ocorrendo desde então. Vou explicar-te os mais importantes.

“Há três dias os acontecimentos se precipitaram. Mortimer veio dizer-me que no sótão não podia manter-se acesa nenhuma luz. Leão e eu descemos a investigar, comprovando que era totalmente impossível manter acesa nenhuma vela, nem um fósforo, no sótão. Estranha coincidência. Diz que quando desce lá os morcegos ali passam. De todas as formas é curioso que a luz duma lanterna elétrica vacile quando a pessoa se interna no sótão, e perde grande parte de sua força. Não compreendo o fato.

“Ontem, Leão, que é católico fervoroso, desceu ao sótão com um vidro de água benta, disposto a espantar dali os espíritos infernais. No fim da escada desse sótão, notei há tempos a presença duma laje de pedra. Quando Leão chegou a ela, deixou cair uma gota de água benta. No mesmo instante se evaporou com leve rangido, como se houvesse caído em ferro candente. Confesso-te, Marc, que esse caso me surpreendeu enormemente.

“Ontem à noite, enquanto os três estávamos no sótão, a lâmpada foi apagada. Digo que ‘foi apagada’ porque não soprava o menor vento e não obstante notei sobre o rosto um hálito frio, no mesmo instante em que a chama se extinguia.

“Não cabe dúvida de que nesta casa há algo anormal que estou disposto a descobrir, custe o que custar.”

(Aqui termina bruscamente a carta, como se devera ser completada mais tarde.)

Os doutores inclinados sobre o cadáver de Sir Harry Barclay, em Lohrville Manor, terminaram seu exame.

— Não compreendo essa extraordinária perda de sangue, doutor Mordaunt.

— Nem eu, doutor Green. Está tão desprovido de sangue que se deve supor que, se viveu até agora, foi graças a algo sobrenatural.

— Eu julguei que a falta de sangue seria devida a hemorragias internas, porém não se vê o menor sinal disso. Tenho em conta a expressão de seu rosto, que é demasiado horrível para poder contemplá-la com serenidade...

— Tem razão, a mim próprio me custa olhá-la.

— ...é de supor que morreu em virtude dum terror horrível, talvez por presenciar alguma cena horripilante.

— Isso me parece mais lógico.

— De todas as formas acho que o melhor é atestarmos que morreu de hemorragia interna.

— De acordo.

— Então passemos o atestado.

Os dois médicos inclinaram-se sobre o velho volume que estava aberto em cima da mesa e, de súbito, o doutor Green se ergueu, meteu a mão num bolso e tirou um fósforo.

— Segure este fósforo, doutor Mordaunt — disse. — Acenda-o e ponha fogo neste livro. E não revele a ninguém o que lemos nele.

— Creio que é o melhor.

Estratos do diário de Sir Harry Everett Barclay, achado junto de seu cadáver, em Lohrville Manor.

25 de junho — Ontem à noite tive um sonho muito curioso. Sonhei que encontrava uma linda garota no bosque que rodeia o castelo de meu pai, em Lancaster. Sem saber como, abraçamo-nos e nossos lábios se uniram, permanecendo juntos durante mais de meia hora. Que sonho mais esquisito! Esta manhã, ao olhar-me no espelho, achei-me sumamente pálido.

Mais tarde — Leão me disse que teve um sonho semelhante. Contou-me. É curiosamente parecido com o meu.

29 de junho — Mortimer veio esta manhã dizer-me que não quer permanecer mais nem um só dia nesta casa. Está convencido de que ontem à noite viu um fantasma. Era um velho que o beijou. Convenci-o de que tudo foi um sonho, e pedi-lhe para que não comentasse com ninguém. Leão me disse que na última noite voltou a sonhar a mesma coisa. Diz que não se encontra muito bem. Aconselhei-o a que vá ver um médico, porém se negou. Diz que esta noite se aspergirá com água benta para afastar os maus sonhos.

Mais tarde — Estive fazendo investigações e descobri que o baronete Lohrville era muito parecido com o velho do sonho de Mortimer. Também soube que durante a vida do último dos Lohrville desapareceram numerosas meninas dos arredores.

30 de junho — Leão afirma que ontem à noite não teve o pesadelo (que, em compensação, visitou a mim). Afirma que isso é devido à água benta.

1^a de julho — Mortimer foi-se embora. Diz que não pode vi-

ver na mesma casa que o diabo habita. Parece que tornou a ver o fantasma do velho Lohrville.

4 de julho — Voltei a ter aquele sonho e esta manhã me encontro muito mal. Leão utilizou toda a sua água benta; porém amanhã espera conseguir mais.

5 de julho — Tentei encontrar outro cozinheiro no povoado. Ninguém, ali, está disposto a entrar nesta casa nem por mil libras semanais. Terei de passar sem cozinheiro ou pedir um a Londres.

Leão sofreu hoje um acidente. Ao regressar a casa, da igreja, verteu-se-lhe quase toda a água benta. Mais tarde, a garrafa que continha o resto caiu ao chão e quebrou-se.

6 de julho — Ambos tornamos a ter o sonho a noite passada. Sinto-me muito débil, e o mesmo sucede a Leão. Este foi ver o médico, que lhe perguntou se teve algum ferimento que provocasse grande perda de sangue, ou se sofre de hemorragias internas. Leão respondeu que não, e o médico receitou-lhe uns tônicos. Leão não se recordou da água benta.

9 de julho — Outra vez o sonho. O de Leão foi diferente. Um velho o mordeu. Disse-lhe que me indicasse o lugar onde o velho o mordeu durante o sono. Tirou o colarinho e pude ver duas pequenas feridas em sua garganta. Tanto Leão como eu nos sentimos muito fracos.

15 de julho — Leão foi-se embora. Creio que enlouqueceu repentinamente, pois esta manhã sentiu-se invadido por loucos desejos de descer ao sótão. Disse-me que algo o puxava para lá. Não o impedi de descer; porém, ao cabo de pouco ouvi-o subir soltando berros. Corri atrás dele até seu quarto e pedi-lhe uma explicação.

“Mon Dieu, monsieur! Abandone este lugar maldito. Fuja, monsieur, peço-lhe. Le diable!” Por fim se desprende de mim e fugiu da casa com sua maleta. Persegui-o, alcançando-o na estrada. Aos meus gritos respondeu com frases soltas, que eram: “Lamais... le diable... Mon Dieu... a laje... o livro de Toth”. Tudo isso palavras muito significativas. *Le diable* e *mon Dieu*, “o diabo” e “meu Deus”. A estas não prestei grande atenção. Porem *lamais* é uma espécie de vampiro feminino conhecido tão somente por um grupo seleta de feiticeiros; e o livro de Toth é o livro egípcio da magia.

Por um momento me ocorreu a idéia de que o livro de Toth esteja escondido nalgum ponto desta casa. Passei bastante tempo tratando de estabelecer um traço de união entre o livro e a laje. Por fim cheguei à convicção de que o livro se encontra escondido debaixo da laje que há ao pé da escada.

16 de julho — Já tenho o livro de Toth! Como me parecia, encontrava-se debaixo da laje de pedra. Os espíritos que o guardavam não queriam, indubitavelmente, que se perturbasse o seu lugar de repouso, pois levantaram fortes correntes de ar enquanto trabalhava para levantar a laje. O livro está fechado por uma espécie de fechadura antiga.

Ontem à noite tive o sonho; e além disso vi o fantasma de Lohrville acompanhado de quatro formosas jovens. Que coincidência! Hoje me sinto tão débil que nem posso mover-me. Não há dúvida de que esta casa se acha infestada, não por morcegos, mas por vampiros. Lâmia! Se pudesse encontrar seus corpos, cravar-lhes-ia umas estacas aguçadas no coração.

Mais tarde — Fiz uma assombrosa descoberta. Debaixo da laje que ocultava o livro de Toth havia outra. Levantei-a e descobri um montão de esqueletos de infantis, sem dúvida alguma pertencentes às vítimas dos vampiros. Estou certo de que nalgum ponto há uma caverna onde repousam os corpos dos vampiros.

Mais tarde — Estudei o livro de De Rochas e formei um projeto excelente para descobris os corpos dos vampiros. Utilizarei o livro de Toth para atrair os vampiros ante mim, e fazer que eles próprios me revelem o lugar onde descansam seus voluptuosos corpos. Diz De Rocha que pode fazer-se sem dificuldade.

Às nove da noite — Como as condições são excelentes, vou começar a chamada dos vampiros. Alguém passa pela estrada. Espero que não venha interromper meu trabalho. Como já disse, o livro está assegurado por uma velha fechadura. Custou-me muito rompê-la. Abro o livro na página que indica De Rocha. Começo os passos magnéticos. Lentamente a atmosfera do quarto vai mudando e a escuridão se torna intolerável. As correntes de ar aumentam e a lâmpada se apagou... Espero que depressa aparecerão os vampiros.

Não me engano. Várias sombras estão se materializando na

dependência. São cada vez mais visíveis... São cinco. Quatro mulheres e um homem... São os mesmos que vi em sonhos. Avançam malevolamente para mim. Santo Deus, esqueci-me de ficar dentro de um círculo mágico, e temo que os vampiros me ataquem. Isso é o que eles tentam. Avançam para mim... Não! Detêm-se! O velho baronete fita-me com os olhos brilhantes de ira e ódio. As quatro mulheres me sorriem voluptuosamente.

Agora ou nunca é o momento de quebrar o feitiço. Uma oração? Não posso rezar! Estou expulso para sempre da presença de Deus por ter chamado Satanás em auxílio. Não, não posso rezar... Estou sendo hipnotizado pelo baronete. Nos olhos das quatro vampiras há um resplendor sinistro. Deslizam para mim com os braços abertos. Suas sinuosas formas estão ante mim; seus rubros lábios se arqueiam em diabólico sorriso de triunfo. Pressinto as suaves carícias de suas línguas sobre meus lábios. Estou resistindo com toda força de minha vontade; porém, que pode um homem só contra uma horda de vampiros?...

Deus! Noto que minha alma se contamina de suas presenças! O baronete avança. Se Deus não escutar implorarei a Satanás que me dê tempo de traçar um círculo mágico!

Nem sequer posso levantar... Já não sou dono de minha vontade. Os vampiros entreolham-se diabolicamente... Estou condenado a morrer... e a viver nas fileiras dos Não Mortos. Seus rostos se aproximam cada vez mais do meu e, em breve, perderei os sentidos. Qualquer coisa é preferível a isto... a ver os malignos Não Mortos ao meu redor... Sinto uma ferroadada em minha garganta... Santo Deus! É...



O vapor da excursão trouxe-nos de Constantinopla às praias da Ilha de Prinkipo e nos desembarcamos. O número de passageiros não era grande. Havia uma família polonesa — o pai, a mãe, a filha com seu namorado e nós dois. Oh, sim, não devo esquecer que, quando tínhamos chegado quase à ponte de madeira que liga o Chifre de Ouro a Constantinopla, um grego ainda jovem juntou-se a nós. Era provavelmente um artista, a julgar pela pasta que carregava sob o braço. Longas madeixas negras flutuavam-lhe sobre os ombros, a face era pálida e os olhos negros profundamente encaixados nas órbitas. Interessou-me no primeiro instante, especialmente pela sua cortesia e pelo seu conhecimento das condições locais. Mas falava demasiado e então separei-me dele.

Muito mais agradável era a família polonesa. Pai e mãe possuíam um temperamento alegre, gente delicada, o namorado um rapaz elegante, de maneiras finas e francas. Tinham vindo a Prinkipo a fim de passar os meses de verão por causa da filha, que estava um pouco doente. A bela moça pálida achava-se convalescendo de grave enfermidade, ou então uma doença séria começava a dominá-la. Apoiava-se no namorado quando andava e sentava-se com frequência para descansar, enquanto a cada

momento uma ligeira tosse seca interrompia os seus sussurros. Toda vez que ela tossia, seu companheiro interrompia atenciosamente o passeio. Ele sempre lhe dirigia um olhar de compreensiva piedade e ela retribuía o olhar como se dissesse: “Não é nada. Sinto-me feliz!” Eles acreditavam em saúde e felicidade.

Por recomendação do grego, que se separaria de nós logo no cais, a família reservou quartos no hotel da colina. O hoteleiro era um francês, e todo o edificio estava confortável e artisticamente arranjado segundo o estilo francês.

Almoçamos juntos, e quando o calor do meio-dia diminuiu um pouco subimos aos montes, onde na clareira de pinheiros siberianos pudéssomos reconfortar-nos com a paisagem. Mal havíamos encontrado o lugar agradável e sentado, o grego apareceu de novo. Saudou-nos ligeiramente, olhou à sua volta e sentou-se a apenas alguns passos de nós. Abriu a pasta e começou a desenhar.

— Creio que sentou-se de propósito com as costas voltadas para as rochas a fim de que não possamos olhar seu desenho — observei.

— Não precisamos — disse o jovem polonês. — Temos muitas coisas à nossa frente para olhar. — Depois de um instante, acrescentou: — Parece-me que ele nos está desenhando como uma espécie de *background*. Bem... deixêmo-lo!

Na verdade tínhamos muito que olhar. Não há lugar mais belo ou mais feliz no mundo inteiro que Prinkipo! O mártir político. Irene contemporâneo de Carlos, o Grande, passou meses aqui, exilado. Se eu pudesse passar aqui um mês de minha vida, sentir-me-ia feliz com essa recordação durante o resto de meus dias! Nunca esqueci mesmo aquele único dia que passei em Prinkipo.

A atmosfera era clara como o diamante, tão suave, tão acariciadora que a alma toda se evolava na distância. À direita, além do mar, projetavam-se os escuros píncaros asiáticos; à esquerda, ao longe, divisava-se as escarpadas costas purpurinas da Europa. A vizinha Chalki, uma das nove ilhas do Arquipélago do Príncipe, erguia-se com suas florestas de ciprestes nos pacíficos

montes como um sonho colorido, coroada por uma grande construção — um asilo para aqueles cujos espíritos estão enfermos.

O mar de Marmora achava-se apenas ligeiramente encrespado e refletia todas as cores como uma opala fulgurante. À distância o mar era branco como leite, depois róseo, alaranjado entre as duas ilhas e, abaixo de nós, um azul maravilhosamente esverdeado, como uma safira transparente. Resplandecia como a sua própria beleza. Em parte alguma havia grandes navios — apenas dois pequenos barcos velejavam ao longo da praia com a bandeira inglesa. Um era um vapor tão grande quanto a barraca de um vigia, o segundo tinha cerca de doze remadores, e quando seus remos se erguiam simultaneamente, prata líquida gotejava deles. Golfinhos confiante arremessavam-se de um lado para outro entre eles e seguiam-nos com grande e arqueados saltos à superfície d'água. Através o céu azul, vez por outra, calmas águias sacudiam as asas, medindo o espaço entre os dois continentes.

Toda a vertente abaixo de nós estava coberta de rosas desabrochadas cuja fragrância enchia o ar. Do café próximo ao mar a música era transportada até nós através da atmosfera diáfana, algo amortecida pela distância.

O efeito era encantador. Estávamos todos silenciosamente sentados e deixávamos que nossas almas se impregnassem completamente da paisagem paradisíaca. A moça polonesa jazia deitada na relva, com a cabeça pousada no peito de seu namorado. O pálido oval de seu rosto delicado havia-se tingido de leve com uma cor suave e de seus olhos azuis jorraram subitamente lágrimas. O namorado compreendeu, curvou-se e beijou lágrima após lágrima. Sua mãe também comoveu-se até o pranto, e eu... até mesmo eu... senti uma estranha opressão.

— O espírito e o corpo devem sentir-se bem aqui — murmurou a jovem. — Que terra feliz, esta!

— Deus sabe que não tenho inimigos, mas se tivesse perdoá-los-ia aqui — disse o pai com voz trêmula.

E de novo ficamos em silêncio. Estávamos todos num estado de espírito tão maravilhoso... tão indescritivelmente doce era tudo aquilo. Cada um sentia em si todo um mundo de felicidade e cada

um teria partilhado sua felicidade com o mundo todo. Todos sentiam o mesmo... e assim nenhum perturbava o outro. Mal havíamos notado, mesmo, que o grego, cerca de uma hora depois, se havia erguido, fechara a pasta e, com um leve aceno, se pusera a caminho. Nós permanecemos.

Finalmente, após muitas horas, quando a distância se estava cobrindo de violeta escuro, tão magicamente belo ao sul, a mãe lembrou-se de que era tempo de partir. Levantamo-nos e começamos a caminhar em direção ao hotel a passos leves e elásticos como os que caracterizam crianças despreocupadas. Sentamo-nos sob a elegante varanda do hotel.

Mal havíamos sentado quando ouvimos um barulho de discussão e pragas. Nosso grego estava discutindo com o hoteleiro e, para nos distrairmos, pusemo-nos a escutar.

O divertimento não durou muito.

— Se eu não tivesse outros hóspedes... — exclamou o homem, subindo os degraus em direção a nós.

— Diga-me, por favor, quem é este cavalheiro? Qual é o seu nome? — perguntou o jovem polonês ao home que se aproximava.

— Eh... quem é que sabe o nome desse camarada? — resmungou o hoteleiro, olhando rancorosamente para baixo. — Nós o chamamos o Vampiro.

— A um artista?

— Boa coisa! Ele só desenha cadáveres. Assim que morre alguém em Constantinopla ou aqui nos arredores, nesse mesmo dia ele tem pronto um retrato do morto. Esse camarada desenha-os com antecedência — e nunca se engana — exatamente como um abutre!

A velha polonesa estremeceu horrorizada. Em seus braços jazia a filha, pálida como cal. Havia desmaiado.

De um salto, o namorado atirou-se degraus abaixo. Agarrou com uma mão o grego e com a outra apanhou a pasta.

Corremos atrás dele. Ambos os homens estavam rolando para a areia. O conteúdo da pasta tinha se espalhado pelo chão. Numa das folhas, desenhada a *crayon*, aparecia a cabeça da jovem polonesa, os olhos fechados e uma coroa de mirto ornando-lhe a fronte.





Charles Endicott, grande magnata, estava à morte naquele momento. Tinha um pedacinho de esparadrapo na ponta do nariz e um arranhão no lóbulo da orelha direita. Mas eu sabia muito bem que esses ferimentos eram superficiais; estava agonizando de aflição e, num dia ou dois, morreria de febre tropical, exatamente como seu filho de dezoito anos, duas semanas antes.

Deitado entre os quentes e pesados lençóis do Hotel Monterrey, meu amigo não podia sossegar. Não fosse eu médico, diplomado pela John Hopkins, e ainda assim sentiria que sua agitação naquele momento era apenas mental.

— Um pouco d'água, Paul. Minha garganta...

Despejei um pouco do líquido morno no copo sobre a mesinha de cabeceira... Beberia, depois passaria a língua pelo lábios secos como se nada pudesse aplacar-lhe a sede. Era natural. Estávamos no mês de agosto, e nem o gelo parece frio em Monterrey, em pleno meio-dia; e seu corpo estava febril, um toque da doença de Chagas, possivelmente transmitida pelo morcego vampiro.

Não podia afastar da mente o terrível morcego. O animal ali permanecia e surgia na conversação como um persistente motivo do Mal e da Morte. Falava de Francine, sua jovem e bela segunda esposa; de Walter, o filho morto, fruto de seu primeiro casamento. Depois, voltava a falar do morcego cujo ventre estendido, cheio de sangue humano, o impedia de voar.

— Gostaria que tivesse vindo mais cedo, Paul. Aquele horrível animal, seguro às cortinas com as garras das asas e os pés traseiros pousados no chão! O sangue de Walter cobria todo o travesseiro e escorria-lhe pelo pescoço; e nem chegou a despertar! Três dias depois estava morto! Por quê, Paul? O médico do lugar, sujeito ignorante, assegurou-nos: “Não havia perigo, as mordidas não eram fatais”.

— Eu diria — observei, em atitude profissional — que, na maioria dos casos, as mordidelas não são fatais. O organismo do rapaz devia estar esgotado e aberto ao ataque dos germes que os morcegos às vezes transmitem.

— Sim — concordou Charles, hesitante. — Ele nunca foi forte. Ainda tinha ataques de vez em quando, embora tenha melhorado muito com o tratamento que você lhe fez no ano passado. Mas essa doença o tornaria mais vulnerável, Paul? O médico daqui limitou-se a sacudir a cabeça e a resmungar qualquer coisa sobre a infecção inexplicável. Assinou o atestado de óbito, mas percebi em sua fisionomia que não compreendia as condições de Walter. Gostaria que estivesse aqui na ocasião. Parecia tão tolo!

— Estou aqui agora — retruquei, acalmando-o. — E duvido que o doutor seja um tolo. O médicos são seres humanos, afinal de contas. Há muita coisa que não sabemos.

— Ainda assim, eu me sentiria melhor se você estivesse aqui.

Perguntei a mim mesmo qual a causa dessa confiança. Já não exercia a medicina. A Associação Médica Americana reprovava certas experiências por mim feitas, bem como a minha recente descoberta, uma droga para combater alergias na pele. A droga havia curado muitos casos, mas alguns pacientes desenvolveram horríveis lesões, uma mulher morreu e fui processado por prática ilegal da medicina. Mas a ciência será, afinal, beneficiada. Tenho trabalhado em laboratório particular e estou conseguindo larga margem de segurança para a droga. A maior parte dos especialistas da pele sabe pouquíssimo. As erupções nunca foram fatais e todo o dinheiro destinado a pesquisas médicas é empregado no estudo de doenças mais importantes. Mas algum dia, se eu continuar

estudando, haverá uma cura para a pele, tão certa como a sulfa para a pneumonia.

— Como se chama teu médico, Charles?

— Alfredo Sanchez. Mas não é mais meu médico. Quero que você tome conta de mim.

— Não posso fazer isso. Mesmo que estivesse exercendo a medicina, não poderia apoderar-me do caso de outro!

— É preciso, Paul! Não me sinto nada bem. Estou queimando por dentro e nenhuma destas malditas pílulas me fez bem algum. Morrerei, se esse charlatão continuar a me tratar. Sei que morrerei.

Não quis confirmar-lhe suas próprias palavras. Sabia que de alguma maneira morreria. Dei-lhe apenas outro copo d'água, corri um olhar profissional pela receita do vidro de pílulas que Sanchez lhe dera, e balancei a cabeça com ar entendido.

— Ótimo. Não teria receitado melhor. Teu médico não é nenhum charlatão, Charles.

Isso o confortou. Estava cansado e mergulhou naquele estado de silenciosa contemplação, próprio das pessoas que ainda não cessaram de chorar seus mortos.

— Walter não era mau, Paul. É que nunca levou vida normal e era velho demais para a idade.

— Quem disse que ele era mau?

— Ninguém. Francine é que nunca conseguiu gostar dele. Naturalmente é tão jovem que nunca esperei que tratasse Walter como filho. Mas era esquisita...

— Esquisita?

— A maneira como ficava parada olhando-o com seus grandes olhos negros. Já viu como parece colar os olhos em algum objeto?

Sim, tinha visto.

— Pois bem. Costumava olhá-lo como se não o visse. Isso o fazia sentir-se mal. Certa vez, num descontrole de nervos, gritou que ia abrir-lhe um buraco no pescoço se continuasse a olhá-lo daquela maneira. Ela voltou a si, num sobressalto, como quem desperta de um transe. Pobre Francine! Tem aqueles alheamentos, depois fica tão ansiosa de corrigir as coisas... Linda mulher,

Francine! Encontrei-a em Paris, antes da guerra. Tão jovem! Parece que nunca mudará.

Começou a agitar-se, inquieto, no leito. Fui ao banheiro e trouxe uma toalha úmida. Isso não diminuiria a febre, mas lhe daria alívio. Sua gratidão pelo meu gesto era de causar dó.

— Obrigado, Paul. É bom que esteja aqui, afinal. Tome conta de Francine. Vivo preocupado por sua causa. Tem mania das excursões; leva guias, naturalmente, mas numa cidade estranha...

Finalmente mergulhou no sono.

Percorri a série de quartos à procura da criada mexicana e ordenei-lhe que ficasse junto ao leito de Charles até que o Dr. Sanchez viesse para a visita da tarde.

Depois desci as escadas á procura de Francine. Ela teria muito que explicar. Morcegos vampiros vivem em cavernas, não em hotéis na cidade de Monterrey. Tinha o pressentimento de que a moça acrescentara esse toque fantasmagórico à simplicidade de nosso plano original. Não estava gostando. O crime é perigoso de qualquer maneira e os mexicanos não são tolos. Não compreendia o motivo da introdução do morcego no caso. A injeção hipodérmica seria coisa rápida, limpa e segura. A lembrança do animais de asas de couro, sugadores de sangue, me revoltava.

Encontrei-a no Samborn, bebendo chá gelado. Fiquei por um momento parado na soleira esquecendo-me de tudo, vendo apenas sua beleza. Trazia um chapéu branco de abas largas, enfeitado com uma coroa de flores, e sem copa, de forma que seu brilhante cabelo negro-azulado se destacava contra a palha. O vestido era branco, de mangas largas e compridas. Parecia uma boneca francesa com a sua pele acetinada e a pequenina boca vermelha.

Estava sentada em uma das mesas do centro. Compreendi que não podíamos conversar ali. Fiquei de pé ao seu lado, durante um minuto inteiro, apreciando-lhe a beleza, antes que me visse. Estivera olhando atentamente para uma senhora gorda do outro lado.

— Olá, Francine!

— Paul! Só te esperava amanhã!

— Consegui passagem no avião mais cedo. Vamos a qualquer parte.

Alugamos um carro e o chofer nos levou para fora da cidade, a fim de visitarmos as ruínas de um velho castelo. O homem ficou no carro como chapéu cobrindo-lhe a cara, e petramos no edifício onde encontramos um pedaço de parede ainda de pé; ali podíamos ficar na sombra sem sermos vistos.

Beijei-a com toda a sede de três meses de separação. Seus lábios colaram-se aos meus e seu dentes agarraram-se a meus ombros como pequenas garras. Afastei-me finalmente, trêmulo e fraco. Seus olhos brilhavam e ali a via tão cheia de vida como eu de fraqueza. Era como se me tivesse tirado toda a força.

— Paul, querido! Senti tanto a tua falta! Que meses horríveis passei aqui só com Charles e aquele horrível Walter!

Acaricie-lhe a linha delicada da face.

— Walter não era tão mau assim!

— Era tão velho! — exclamou.

Sorri.

— Acha que dezoito anos é velhice?

— Ele era velho desde que nasceu, Paul. Não havia juventude em seu coração nem sangue vermelho em suas veias.

— Era doente.

— Eu sei. Aqueles horríveis ataques... Não sente, por isso, tanto remorso pelo que tivemos de fazer, não é, Paul?

— Tem razão. Quando estou contigo concordo com tudo. Isso não importa. Dentro em breve tudo estará acabado e ficaremos juntos para sempre.

— Com dinheiro bastante para continuar tuas experiências médicas pelo tempo que quiser! Vai ser maravilhoso, Paul! Você é jovem. Não é como Charles. Estou tão cansada de homens velhos, Paul!

Às vezes não a conseguia entender. Eu era mais moço que Charles Endicott; mas não muito mais moço.

— Todos nós envelhecemos — respondi. — Esperas ficar sempre tão jovem e bonita como agora?

— Assim espero — respondeu com serenidade.

Tornou a beijar-me e, mais uma vez, seus lábios sequiosos varreram-me tudo o mais da mente. Era-me impossível pensar

claramente junto dela, lembrar-me de que havia necessidade de mais uma injeção para liquidar-lhe o marido. Havia as passagens de avião a reservar. Havia o caso dos morcegos a ser esclarecido.

Afastei-lhe as mãos com firmeza e pus-me de pé, acendendo-lhe um cigarro para ajudar a manter a conversa num plano abstrato.

— Francine...

— Que é, Paul?

— Aquele morcego. Como foi que um vampiro entrou no hotel?

Seus olhos se detiveram num balde pendurado no velho poço do pátio.

— Não tenho certeza, Paul. Creio que deve ter ficado preso ao forro de meu casaco. Estive na caverna.

Mordi selvagememente o cigarro, desejando que parasse de falar aos pulinhos.

— Por quê? Por que, diabo, havia de ir a uma caverna de vampiros, esses animais nojentos?

Não me olhou. Seu olhar continuava preso ao balde e seu rosto perdera o brilho. Estava mergulhada num daqueles vagos alheamentos que tanto perturbara o marido.

— Fui porque queria ver, Paul. Um guia falou-me a respeito e, por cem dólares, arranjou a visita à caverna.

— Mas que ladrão! O miserável...

— Valeu a pena, Paul. Eles não são como os outros animais. Andam nas patas traseiras e nos cotovelos das asas. Ficam de cabeça para baixo pendurados no teto. E seus dentes, Paul! Nunca vi nada tão afiado. Voam sobre o leito e dilaceram a carne sem despertar a vítima...

— Depois sugam o sangue — concluí, enojado.

— Não — retrucou ela, o corpo ligeiramente tenso. — Não, Paul, não sugam o sangue. Cortam a veia e quando o sangue começa a correr, lambem-no como um gatinho lambe o leite.

— Meu Deus! Por que não procura coisa menos horrível para conhecer? Francamente, Francine...

— Ele deve ter ficado preso ao forro do meu casaco —

continuou com ares sonhadores. — Com certeza foi assim que entrou no hotel. O Dr. Sanchez disse que era possível.

A maneira por que ignorava meu aborrecimento era de enfurecer. Sua insensatez com o morcego podia fazer com que a morte de Walter fosse objeto de muito falatório. Devia ter usado apenas o veneno simples que lhe dei e que daria como resultado diagnóstico de morte natural. Nenhum médico assistente teria dúvida alguma em assinar o atestado de óbito. Mas Francine não se mostrava absolutamente preocupada com as conseqüências de sua visita à caverna. Parecia estar a milhões de quilômetros de distância.

— Francine...

Não me olhou.

Aproximei-me e sacudi-a.

— Olha para mim! Deixa de olhar para aquele balde e olha para mim!

Estremeceu, como se fosse necessário um esforço físico para afastar-se do objeto a que estava presa. Levantou o rosto para mim e colocou ternamente as mãos em minhas faces.

— Paul, meu querido, não quis ser grosseira. Amo-te.

Senti-me perdido outra vez na força envolvente de sua beleza. Queria tomá-la nos braços, esmagá-la com ardor maior que o seu. Mas não ousei tentar. Ia precisar de todas as forças.

— Paul, que é? Por que está preocupado?

— É a morte de Walter — retruquei. — A dentada de um morcego não devia ser fatal. O médico pode achar isso estranho. Nosso plano corre perigo de ser descoberto.

— Mas todos nós fomos mordidos — disse, num tom destinado a afastar meus temores. — Walter, Charles e eu fomos mordidos na mesma noite pelo mesmo vampiro. A criada encontrou-o na manhã seguinte.

— Charles me contou. O estômago do animal estava por demais ditendido e impedia-o de voar. Que lhe aconteceu?

— O criado apanhou-o na rede. Segundo o médico, era, provavelmente, portador de alguma moléstia...

— Doença essa que vitimou Walter no dia seguinte? Nenhum

médico acreditaria nisso. Há uma coisa que se chama período de incubação.

— Bem, isso não importa. O rapaz morreu de infecção e posso assegurar-te que o doutor não suspeita de mim. Talvez tenha ficado admirado, mas não tem suspeita... Não me olhe com essa cara, Paul.

Eu olhava atentamente para a ponta de seu nariz e para o lóbulo da orelha.

— Você foi mordida pelo morcego?

— Sim. Durante a noite.

— Charles ainda tem um esparadrapo no nariz, Francine. E um ligeiro arranhão na orelha.

— Eu sei.

Minhas mãos ficaram subitamente úmidas e a voz saiu-me num murmúrio rouco da garganta.

— Francine, você não tem marca nenhuma!

Ela pôs-se de pé, colocando o grande chapéu branco sobre os cabelos negros.

— Minha pele cicatriza depressa, Paul.

— Sem o menor sinal de ter sido mordida? Não se esqueça de que sou médico, Francine. E especialista de pele. Você me mentiu, não sei por quê. Os dentes daquele morcego nunca lhe tocaram!

— Paul! Por que havia de mentir pra você? Somos cúmplices. Pergunta à criada do hotel que me viu na manhã seguinte. Ela lhe contará.

Voltamos para a cidade.

Pouco antes do jantar, encontrei a criada no vestíbulo. Interroguei-a. Respondeu em espanhol e lhe pedi que repetisse, devagar, para ter certeza.

— O travesseiro sob a cabeça da patroa estava molhado de sangue. As pontas dos cabelos negros e a face branca estavam também ensangüentadas.

A criada estremeceu ao me referir o fato, e estremeceu, por minha vez, durante o jantar. Não me contara uma coisa: não mencionara qualquer sinal de arranhão na face da patroa.

Charles morreu às dez horas daquela noite. Estava eu sentado

no vestíbulo saboreando o único cigarro que me permito diariamente, quando o Dr. Sanchez desceu. Era um homenzinho de pele cor de oliva e testa alta. Seus olhos, protegidos pelos óculos, tinham uma expressão inteligente e bondosa. Deixou-se cair numa cadeira de couro junto a mim.

— Sinto muito — começou —, mas seu amigo, Mr. Endicott, acaba de morrer.

Dei um salto, sinceramente surpreso e chocado. Não devia ter sido tão cedo! Francine devia ter feito o trabalho nas primeiras horas da manhã. Eu tinha sido firme ao traçar sua linha de conduta. Que se passara? Que teria ela feito?

— Compreendo — continuou o médico com voz cansada. — O senhor o viu hoje à tarde e sabia que a febre não era nada. Mas o coração estava fraco. Pobre homem! Sofria com a morte do filho. Não podia sossegar e, com a tensão da febre e o choque das últimas semanas, seu coração fraquejou. Bem o sabia, mas pensei que, talvez, sua força de vontade o ajudasse a viver. Muita coisa depende do desejo de viver.

Eu não o ouvira. Meu cérebro rodopiava numa confusão de pensamentos. Teria Charles morrido naturalmente? Ou teria Francine feito o trabalho mais cedo? O médico, pelo visto, não supeitava de coisa alguma.

— E Mrs. Endicott? — perguntei. — Está bem?

— A pobre senhora parecia estonteada. Olhava fixamente para a frente, creio que por demais entorpecida para reagir. Sua visita a Monterrey foi bem trágica. Eu o lamento bastante. Dei-lhe um sedativo e deixei-a aos cuidados de uma boa mulher. Quer se encarregar dos pormenores do caso?

— Se avisasse uma empresa funerária... — sugeri. — Não se preocupe com as despesas. Estou convicto de que Mrs. Endicott há de querer que o corpo seja enterrado em sua pátria. Terei de reservar os lugares. Isto é um verdadeiro choque. Charles parecia tão bem!

O Dr. Sanchez teve um gesto de simpatia.

— Tenho um primo que se encarregará de tudo. Se acha...

— Ótimo. Estou certo de que saberá desincumbir-se muito bem de sua missão. Se quiser fazer o favor de chamá-lo...

— Pois não. Quer que a remoção seja feita já?

— Mrs. Endicott deve voltar para junto dos seus o mais breve possível. Precisarás de muito conforto moral quando compreender inteiramente a extensão da tragédia.

Meu interlocutor engoliu tudo, mas para mim foi difícil dizer “os seus”. Francine nunca me falara sobre sua família ou de seu passado. Às vezes perguntava a mim mesmo que teria algum parente na França. Não sabia de que parte da França viera. Charles nunca dissera coisa alguma a esse respeito.

Meu colega levantou-se e, curvando-se profundamente:

— Se puder fazer alguma coisa... — ofereceu-se, com uma expressão de sinceridade na voz suave.

Agradei-lhe e subi para o quarto, sentindo-me nervoso e triste pela morte de Charles. Precisava senti-la, selvagem, em meus braços, parecia que aquilo valesse a pena. Precisava saber o que ela fizera.

Fiquei sentado no quarto escuro por mais de uma hora, pensando, e, quando ouvi bater na janela que dá para a varanda julguei que era o vento ou minha imaginação. Mas a batida persistiu. Olhei outra vez e vi Francine com o rosto colado à vidraça, fazendo-me sinal com a mão. Ilusão das sombras, pensei. Mas por um momento tive medo de enfrentar algo estranho e sobre natural. Abri a janela e ela entrou. Trazia um longo vestido preto de mangas flutuantes, e percebi que seu cabelo negro a transformaria numa sombra se alguém a olhasse pelas costas. As ilusões são assim. Não, não era um fantasma; era mesmo Francine, e eu a tomei nos braços sem detenção.

Estava agitada, inquieta.

— Paul — sussurrou —, ele está morto, afinal. Reserva já as passagens de avião, querido. Quero sair daqui. Quero partir agora mesmo!

Não houve meio de convencê-la do contrário. Telefonei, finalmente, mas só havia um lugar no avião que partia de madrugada.

— Irei nele, Paul — insistiu.

Reservei a passagem e voltei-me para ela.

— Pode tomar o avião seguinte e encontrar-me em Memphis — propôs. — Não é essa primeira parada?

Assenti. Em Memphis tomaríamos o aparelho de outra companhia. Era o que eu tinha feito na vinda.

— Não será uma longa separação, meu amor.

Achei que estava bem assim. Talvez fosse melhor. Sim, devia ir sozinha. Sua beleza sempre confundia-me as idéias e eu tinha negócios a resolver. Tinha de assistir ao embarque do corpo de Charles. Tinha telegramas a enviar e contas a pagar.

Olhei o relógio.

— Pode fazer as malas em duas horas?

Seus olhos estavam fitos um pouco acima do meu colarinho.

— Já estão feitas, Paul!

— Muito bem. Francine, diga-me uma coisa: não foi preciso aplicar a droga em Charles, não é verdade?

— Não. Foi mesmo o coração. Eu nem estava no quarto quando aconteceu. O doutor nada pôde fazer. O pobre queria morrer.

— Nesse caso, é melhor que me entregue aquela ampola. É perigoso conservá-la.

— Mais tarde. Está guardada na mala. Paul, precisamos voltar já para Nova York? Não poderíamos viajar? Não podíamos tomar um avião para a América do Sul? Estamos ricos agora.

Sempre desprezava os pormenores. Teria de comparecer ao enterro do marido. Mas parecia uma garotinha vivendo um conto de fadas. Não me dei ao trabalho de acalmar-lhe o entusiasmo naquele momento.

— É melhor voltar para seu quarto, Francine. A mulher que o doutor deixou contigo deve estar imaginando onde teria ido a esta hora da noite. Encontrá-la-ei no vestíbulo daqui a duas horas.

Afastou os olhos do meu pescoço.

— Aquela estúpida! — murmurou.

— Não tem importância, Francine. Podem pensar que você saiu a passeio, para acalmar os nervos abalados.

Soltou uma gargalhada argentina. Depois sumiu dentro da noite, o vestido e os cabelos negros tão identificados com a escuridão que quase se tornava invisível.

Apanhei a garrafa de uísque na mala e despejei um pouco no copo. O calor abatera-me; as roupas incomodavam-me. Teria que tomar banho e mudá-la. Precisava ficar de pé o resto da noite. Mas o que mais desejava naquele momento era deitar-me e dormir. Talvez Francine me julgasse velho, se eu dormisse de vez em quando. Parecia sempre fresca e bela sem nunca dormir.

O uísque auxiliou bastante, embora me fizesse transpirar.

Eu a vi à minha espera no vestíbulo quando desci. Trocara o vestido por um costume de seda verde, e seu longo cabelo negro estava escondido sob um turbante da mesma cor.

Mostrou-se estranhamente silenciosa na viagem para o aeroporto.

Senti falta de suas tranças. Já não parecia a mesma.

— Não gosto disso que você usa na cabeça.

— É por causa do vento, Paul. Para não desmanchar o cabelo.

Apertei-lhe a mão.

— Amo-te — sussurrei. — Mais do que a moral, a ética, a própria vida. Meu amor é assim, forte e desarrazoado.

— Sim, Paul.

Aceitei minha devoção como uma coisa natural, sem compreender até que ponto perdera eu a consciência por sua causa. Mas jamais conheceria a luta da consciência: parecia ter nascido sem ela.

Havia mais nove passageiros. Eram, pois, dez passageiros ao todo e três tripulantes. Tive tempo de vê-la confortavelmente instalada e assegurar-lhe que me encontraria com ela em Memphis no dia seguinte.

Fiquei por trás da cerca vendo o avião levantar vôo e cortar os ares, como um pássaro gigante.

Quando voltei ao hotel, havia uma pequena multidão junto à porta do apartamento de Endicott. A polícia estava ali. Abri caminho por entre os curiosos.

A criada mexicana deixada pelo médico para vigiar Francine jazia no leito, com uma toalha no pescoço. Estava morta, com o horror estampado nos olhos vidrados...

Do borborinho da multidão consegui entender o seguinte:

tinha havido mais dois casos naquela noite. Primeiro um menino que dormia ao relento junto à colina atrás da praça do mercado. Não morrera, mas alguma coisa afiada rasgara-lhe a pele. “Parecia um morcego” contara. “Despertei e vi-me envolvido pela sombra negra de um morcego gigantesco que estivera bebendo meu sangue”.

A outra vítima fora um homem que dormia na lama atrás de uma cantina donde tinha sido expulso. Tinha a garganta cortada e estava morto. Ninguém se preocupara com sua morte até o momento em que o menino contou sua história e a mulher foi encontrada morta no hotel.

A cidade corria perigo. Diziam alguns que os morcegos vampiros tinham deixado a caverna onde viviam, a duzentas milhas de distância. Outros, mais supersticiosos, afirmavam existir uma criatura humana na cidade que voltara do túmulo para se alimentar do sangue dos vivos.

A polícia não quis interrogar-me, de início. Queria investigar cuidadosamente antes de pedir a volta da senhora. Não queriam cometer nenhum erro.

Afastei-me da multidão com o corpo coberto por um suor úmido, a cabeça transformada numa negra caverna de pensamentos tumultuosos.

Tranquei-me no meu quarto com a garrafa de uísque.

O vestido! O vestido negro que a tornava invisível! Nunca a vira usar aquela cor.

Tolice! Estava deixando que os supersticiosos mexicanos me impressionassem. No entanto, ela estivera fora do hotel. Talvez não quisesse que a criada mencionasse sua ausência...

Bebi em grandes goles, horrorizado. Francine lambendo sangue ainda quente? Por Deus, não! Não era possível uma coisa dessas! Não existem vampiros humanos, a não ser na literatura de ficção!

Bebi. Bebi até perder a consciência.

Naquela tarde, muito depois do meio-dia, o médico veio bater à porta. Tonto, com os nervos tensos, saltei da cama e tomei um gole da garrafa para poder ter forças de atravessar o quarto.

Ele ali estava, parecendo um corvo melífluo, todo pesaroso outra vez.

— **Señor**, o jornal. Já viu?

Entrou, desdobrando a folha diante de mim.

— O avião de Mrs. Endicott. Pobre senhora! A desgraça nunca vem só.

Arranquei-lhe o jornal das mãos. Não havia dúvida. O nevoeiro... a montanha... Os destroços espalharam-se por várias centenas de metros. Todos mortos: dez passageiros e três tripulantes. O aparelho incendiara-se, tornando difícil a identificação.

Estremeci. O Dr. Sanchez resmungou qualquer coisa sobre o destino, o momento fatal que todos temos de enfrentar.

— Saia — disse-lhe com voz pastosa. — Saia, por favor.

Saiu, dizendo compreender.

Mas não compreendia. Eu estava contente que Francine tivesse ido naquele avião! As autoridades daqui já não fariam perguntas. Eu não precisaria ser torturado pela lembrança de seu vestido negro, a maneira pela qual seus olhos me olharam, e de como seus dedos me seguravam como garras. Não seria levado pelos seus beijos a mais nenhuma idéia de crime, por aqueles beijos que me tiravam as forças, que me penetravam como um veneno e me tornavam escravo.

Não precisava mais saber, com certeza, o que ela fizera. Já não precisava buscar corfação para manter-me afastado dela. Já não existia. Subitamente senti-me aliviado, como que um feitiço que fizera de mim outro homem. Voltaria ao meu trabalho e algum dia haveria de provar que a Associação Médica se enganara a meu respeito.

Tomei um banho, barbeei-me, vesti-me e arrumei a mala. O corpo de Endicott seria embarcado no trem para Nova York. Ali, seus sócios e procuradores se ocupariam dele.

Eu estava livre. Até minha consciência estava livre. Planejava dois crimes em minha loucura por Francine, mas esta usara seus métodos particulares em Walter. Charles, pelo que todos sabiam, tivera morte natural. Meu único pecado, a ampola, jazia entre os destroços do avião.

Telefonei reservando passagem. Devia partir um aparelho às seis horas. Queria o **señor** voar depois?

O **señor** queria voar. Se alguma coisa tem de acontecer, até no atravessar a rua acontece.

Fui à portaria e paguei a conta com cheques meus. Cobraria dos herdeiros de Endicott... talvez. Se não cobrasse não fazia mal. E devia a Charles alguma coisa.

Fui à sala de jantar e vi-me sorrindo para a copeira. Era bonita. Bom sinal. Nunca mais reparara em outra mulher desde que Francine penetrou em meu sangue.

Tinha terminado a sopa quente quando o empregado veio chamar-me.

— Telefone, **señor**. Pode atender na primeira cabine. Interurbano.

A voz era clara e alegre, como se nada tivesse acontecido.

— Paul, querido! Precisava falar contigo. Estou ansiosa aqui, em Memphis. Chegará breve, não é?

— Francine! Teu avião, Francine!

— Que aconteceu, Paul? O que é que você está sentindo?

— Teu avião destroçou-se! Era direto. Você estava nele. Vi quando disse adeus do seu lugar. Não podia ter saltado. Ele explodiu, incendiou-se. Todos os passageiros foram mortos!

— Estou com voz de além-túmulo, Paul?

Eu mal podia arrancar as palavras da boca seca.

— O desastre, Francine! Você estava no desastre. Tinha de estar!

— Não fui ferida — replicou, como se isso explicasse tudo.

Bom Deus, pensei, deve ser verdade aquilo que eu tinha medo de admitir! Minha razão recusava-se a acreditar. Mas dizem que **eles** nunca morrem... nunca morrem...

— Paul, ainda está aí? Paul, responda-me!

— Sim...

— Estou com tantas saudades suas, Paul! Virá no próximo avião? Sinto-me tão só!

— Sim — murmurei, desanimado. — Eu vou, Francine.

Saí cambaleando para a rua, com o sol da tarde queimando-me o cérebro.

Eles não sangram, não se pode matá-los, permanecem sempre jovens.

Todas as velhas superstições ficaram ressoando em meu cérebro, expulsando-me a razão. Comecei a correr como se, afastando-me do hotel, deixasse de ouvir sua voz ao telefone.

Parei, arquejante, e encostei-me à parede de um edifício. Não podia fugir dela. Nem podia contar o que sabia a seu respeito. Ninguém me acreditaria. Como eu também não acreditaria até então.

Continuei a andar, sabendo que teria de voltar ao hotel para apanhar a bagagem e tomar aquele avião para Memphis. Tinha que vê-la novamente para ter certeza.

Mas parei numa loja primeiro; comprei um pequeno revólver, depois dei uma ordem a um homem sentado num banco nos fundos da loja.

Ali esperei, trêmulo e com frio, apesar do calor, até que ele terminasse. Parecia ter passado uma eternidade antes que voltasse com um embrulhinho.

— Aqui está, **señor**. É bala de prata.

Olhou-me como se eu estivesse louco. Talvez esteja. Só saberei quando chegar a Memphis, depois que a tornar a ver e sentir suas garras em minha carne. Talvez haja uma explicação lógica.

Mas se essas coisas existem e se ela alguma vez vir para mim durante a noite e pousar os dentes em meu pescoço, estarei preparado. Os vampiros não passam de uma velha superstição; e, de acordo com essa superstição é preciso uma bala de prata para matá-los.

Sim, estarei preparado.

